

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Profissionalização do jornalismo em Mossoró/RN:
profissionalismo e poder local**

LERISSON C. NASCIMENTO
SÃO CARLOS 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Profissionalização do jornalismo em Mossoró/RN:
profissionalismo e poder local**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais no
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na
Universidade Federal de São Carlos.

LERISSON C. NASCIMENTO
SÃO CARLOS 2008

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

N244pj

Nascimento, Lerisson Christian.

Profissionalização do jornalismo em Mossoró/RN :
profissionalismo e poder local / Lerisson Christian
Nascimento. -- São Carlos : UFSCar, 2008.
94 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2008.

1. Profissões. 2. Sociologia das profissões.
3. Profissionalização. 4. Jornalismo. 5. Poder local. I. Título.

CDD: 331.712 (20^a)

Banca Examinadora

Maria da Glória Bonelli – Orientadora e Presidente

Maria Teresa M. Kerbauy

Jacob Carlos Lima

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação entre profissionalismo e poder local a partir da análise do processo de profissionalização do jornalismo em Mossoró/RN. Esta cidade vive desde o início dos anos 2000 um processo de crescimento da imprensa local com a criação de novos jornais e mudanças nas técnicas de se fazer jornalismo, surgindo entre os jornalistas locais o discurso da profissionalização. Entrevistamos 17 pessoas envolvidas de uma forma ou de outra com o jornalismo impresso local, repórteres, editores, colunistas, assessores de imprensa e empresários do setor. Constatamos que o discurso do profissionalismo surge como uma tentativa de modernização da imagem das lideranças políticas locais mais do que uma política de fortalecimento de um grupo ocupacional. A cidade é governada desde os anos 1940 por uma oligarquia, os Rosado, que usam, entre outras coisas, o jornalismo local como estratégia de criação de uma imagem moderna para as práticas políticas da família. Os jornalistas locais, apesar de usarem o discurso do profissionalismo, da busca por autonomia, aceitam essa relação com as lideranças políticas da cidade. Entre eles é evidente a impossibilidade da separação entre o poder local e a prática profissional, a política da profissão precisa ser mesclada com a política convencional para que os jornalistas tenham sucesso no mercado de trabalho.

Agradecimentos

A minha família, meu pai Laércio Rodrigues do Nascimento, minha mãe Gloriete Maria do Nascimento, minha irmã, Lea Cristina Nascimento e meu cunhado Onсны Carlos Lopes, assim como a “parte paulista” da família que me acolheu em São Paulo, todos contribuindo de forma decisiva para a realização deste trabalho.

A minha orientadora Maria da Glória Bonelli que com muita paciência e competência me ajudou no desenvolvimento desta dissertação e na minha formação no programa de pós-graduação.

Aos professores Jacob Carlos Lima e Maria Teresa Miceli Kerbauy que contribuíram participando da banca de qualificação e defesa da dissertação.

Aos amigos Calistrato do Nascimento Neto, Maria Cristina Rocha Barreto, Ricardo Alves, Geovânia da Silva Toscano, Ailton Siqueira, Aécio Cândido de Souza, João Freire Rodrigues, Tércio Miranda, Lígia Valéria, Fabio Pinto, Ricardo Silveira, Thiago Spinelli, Vinícios Ortiz Camargo, Juliana Batista, Fabrício Defacci, Vera Cepêda, Edinaldo Tiburcio Gonçalo, entre tantos outros que foram tão importantes até aqui.

Aos colegas e professores do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Ufscar.

A Ana Maria Suficiél Bertolo, secretária do programa, sem a qual as coisas teriam sido mais difíceis.

A todos os entrevistados que abriram mão de seu tempo para me atender sempre prestativos e atenciosos.

Ao Cnpq que permitiu a realização deste trabalho através da concessão de bolsa de estudos.

Sumário

1. Apresentação.....	6
2. Profissionalismo: uma forma de relação com a sociedade via trabalho	14
3. O Jornalismo como profissão: entre o mercado e a política.....	22
4. Os Rosado e o poder local em Mossoró	29
5. Imprensa e política em Mossoró.....	40
6. Jornalistas no “País de Mossoró”	59
7. Conclusão	82
8. Referências Bibliográficas.....	87
9. Anexo - Capas dos jornais analisados	91

1. Apresentação

Ao formular um programa de pesquisa para a análise sociológica da imprensa, Weber afirma que, para compreendê-la, não basta apenas examinar seu produto final, a notícia. É necessário, também, conhecer seus produtores, sua origem, formação e sua situação de trabalho (2002). Sendo assim, procuramos aqui compreender o jornalismo não a partir do seu produto final, mas a partir de suas características como uma ocupação existente na divisão social contemporânea do trabalho sob a ótica da sociologia das profissões.

A profissão de jornalista no Brasil ainda não tem fronteiras bem estabelecidas, seus limites são fluidos em termos de monopolização da prática e do saber abstrato especializado inerente a essa ocupação. Diferentemente do que ocorre com profissões como Direito e Medicina, indivíduos formados, ou identificados com outras ocupações, tais como historiadores, cientistas sociais, professores, psicólogos, economistas, etc., podem (e exercem) o jornalismo.

O foco da presente pesquisa está em compreender a relação entre profissionalismo e poder local em Mossoró/RN a partir da análise do processo de profissionalização do jornalismo local. Procuramos delinear as características internas dessa ocupação que sofre alterações significativas no final da década de 1990 e início dos anos 2000 nessa cidade.

A delimitação do espaço e tempo é importante para uma pesquisa que procure analisar o jornalismo no Brasil. Como mostra Alzira Alves Abreu (2002) a mídia brasileira (mídia do centro-sul do país, denominada grande mídia) mudou nos últimos trinta anos, houve alterações tanto na forma como no conteúdo das informações, na organização da produção das notícias, na relação da mídia com a sociedade e o Estado, e no perfil profissional dos indivíduos que atuam nesse setor.

Em relação ao espaço, Fernando Antonio Azevedo (2002) considera que em uma análise sobre como se configura o mercado da informação brasileiro, temos que levar em

consideração o fato de que existem enormes diferenças regionais que determinam graus diferentes de influências externas sobre esse mercado, sejam de natureza econômica, política ou social.

A delimitação da pergunta em relação às características da profissão no Brasil, e em Mossoró (e não a generalização independente do tempo e do lugar) é importante, pois devemos atentar para o fato da historicidade, de perceber a profissão como um *processo* (BONELLI, 1999).

Procuramos fazer um estudo de caso e advogamos que, em tese, ele é suficientemente explicativo¹, pois retrata um processo que ocorre em quase todo o interior do Brasil, pelo menos no que corresponde às cidades pólo do interior, qual seja: um processo de modernização impulsionado pelo contato cada vez maior dessas localidades com novas tecnologias e novas formas de comportamento no mundo do trabalho e na ligação com o mundo via trabalho.

Isso levanta novas questões, novos conflitos, ou novas interpretações desses conflitos, por parte dos envolvidos diretamente ou daqueles que tentam compreendê-los. Mostramos que houve uma interpretação ou re-interpretação do profissionalismo de acordo com as características locais em consonância com as influências externas e internas.

Para Eliot Freidson:

o profissionalismo é definido por meio das circunstâncias típico-ideais que favorecem aos trabalhadores munidos de conhecimento os recursos através dos quais eles podem controlar seu próprio trabalho, tornando-se, desse modo, aptos a aplicar aos assuntos humanos o discurso, a disciplina ou o campo particular sobre os quais tem jurisdição” (FREIDSON: 1996, p. 5)

¹ Para Gil (1987) um estudo de caso procura estudar de forma exaustiva um ou poucos objetos, possibilitando um detalhado e amplo conhecimento do objeto em análise. Para ele esse tipo de pesquisa é importante nos estudos exploratórios, nas fases iniciais de pesquisas sobre temas complexos, “para a construção de hipóteses ou reformulação de problemas” (idem, 1987, p. 79). Esse autor aponta limitações desse tipo de estudo, elas se referem a possibilidade da generalização das conclusões obtidas. O argumento é de que nem sempre o estudo de caso consegue ser suficientemente explicativo acerca de uma realidade mais geral porque o caso escolhido para análise não representa, ou não possui elementos, que constituam a maior parte de outras situações observadas, ou seja, a unidade escolhida para ser analisada pode ser bastante anormal em relação às outras de sua espécie.

A profissão tem relação direta com autonomia sobre uma área de atuação. Com essa preocupação, nossa pesquisa procura entender, ainda que de forma não exaustiva, um tema talvez pouco explorado na sociologia das profissões: a relação entre profissionalismo e poder local.

Como profissionais, no caso específico jornalistas, praticam quotidianamente sua ocupação num espaço em que sua autonomia é constantemente colocada em xeque pela política local?² Essa foi a pergunta que surgiu ao longo das entrevistas desenvolvidas com jornalistas em Mossoró, bem como através da leitura de pesquisas sobre a prática política local. Tentamos mostrar como o poder local (especificamente das lideranças políticas locais) e a idéia de profissionalismo se relacionam em Mossoró a partir do caso dos jornalistas que trabalham na cidade.

Mossoró está localizada há mais de 250 km da capital do Rio Grande do Norte, Natal, tem em torno de 230 mil habitantes³. É o centro econômico e político do interior do estado, além de ser um município pólo, que concentra vários serviços na área financeira, educacional, de saúde e demais serviços públicos, atendendo também parte do interior dos vizinhos estados da Paraíba e Ceará. Isso faz da cidade um importante centro regional concentrando também os principais órgãos de comunicação do interior, rádios, revistas, jornais diários e semanais, canais locais de TV aberta e TV a cabo.

O jornalismo impresso que até o fim dos anos 1990 contava com dois jornais diários, **O Mossoroense** e **Gazeta do Oeste**, conta atualmente com quatro, com o surgimento do **Jornal De Fato** e do **Correio da Tarde**. Houve a criação de uma TV a cabo, a **TV Cabo Mossoró (TCM)** e a abertura de uma TV aberta local, a **TV Mossoró**, ambas com programação produzida na própria cidade. Além disso, ocorreu a criação de revistas e jornais semanais, bem como modernização do

² Não queremos dizer aqui que na grande mídia esse processo de pressão política sobre a autonomia dos jornalistas não aconteça, mas ele talvez se operacionalize de uma forma diferente do que em Mossoró devido às características diferentes dessas empresas.

³ Segundo dados do IBGE <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

radialismo local. Todas essas mudanças provocaram transformações na forma de se fazer jornalismo e praticar quotidianamente a profissão de jornalista na cidade.

Com a criação de novos órgãos de imprensa, surgem novos postos de trabalho no setor e uma maior concorrência entre esses órgãos⁴ passa a existir. Tais fatores, associados ao surgimento do primeiro curso de comunicação social⁵ da cidade, que tende a colocar mais profissionais graduados no mercado, vai forçar uma maior disputa pelas vagas na estrutura ocupacional.

Mas essas mudanças não são apenas técnicas, e não correspondem apenas a mudanças na estrutura ocupacional, esse fenômeno que chamamos de profissionalização se relaciona com as características políticas da cidade. O discurso do profissionalismo no jornalismo local se mescla com as características de uma história política marcada pelo domínio de uma oligarquia, os Rosado, que governa o executivo municipal desde a década de 1940.

Ao procurar compreender o processo de profissionalização da imprensa em Mossoró nos últimos anos, optamos por utilizar uma metodologia qualitativa. Tal escolha se deu porque pretendemos analisar os indicadores de funcionamento de uma estrutura social, analisando a interação de variáveis e compreendendo um processo dinâmico vivido por um grupo social (RICHARDSON, 1999).

Concentramos nossa análise nos indivíduos que atuam no jornalismo impresso, por acreditarmos que é nele que pode se observar com mais clareza as mudanças pelas quais passa a imprensa local. No rádio elas ainda são incipientes, não no sentido técnico e sim no sentido

⁴ Quando falamos em maior concorrência não afirmamos ser uma maior concorrência comercial, por leitores, a partir da pressão do mercado publicitário, ainda não há dados que justifiquem isso. Falamos de uma possível concorrência entre formas diferentes de interpretações sobre os fatos retratados ou ainda a disposição de novos espaços que possibilitem a visibilidade maior de novos, ou velhos, atores políticos locais.

⁵ Curso criado em 2003, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A primeira turma forma-se em 2007. Segundo a ata de criação do curso ele foi criado para atender às necessidades do setor de comunicação local que carecia de profissionais qualificados no mercado.

organizacional, e a TV ainda é muito recente na cidade, é talvez o resultado desse processo de transformações do mercado da comunicação local⁶.

Identificamos junto às empresas escolhidas, os jornalistas que ocupam posições de chefia (Chefe de Redação, Editor-Chefe, etc.) que têm um grande peso nas decisões sobre a produção jornalística e sobre os profissionais que aí trabalham. Constatamos que em sua maioria são também os mais experientes, trabalhando a mais tempo no jornalismo local.

Ao todo entrevistamos 17 pessoas que estão de uma forma ou de outra envolvidas com a imprensa local. Repórteres, editores, empresários do setor, colunistas, etc. As entrevistas foram realizadas entre janeiro e julho de 2007 e em janeiro de 2008 em Mossoró. Praticamente todas elas foram realizadas no ambiente de trabalho dos jornalistas⁷.

As entrevistas foram semi-estruturadas seguindo a seguinte ordem: origem familiar; formação escolar; trajetória profissional; descrição das atividades realizadas; percepção sobre o jornalismo de forma geral e o jornalismo praticado em Mossoró em particular; formação para a prática do jornalismo.

Foi interessante notar que ao serem perguntados sobre o jornalismo em Mossoró logo a resposta se encaminhava para a relação com as lideranças políticas locais. Caracterizou-se como um tema presente em todas as entrevistas, na maioria delas surgindo espontaneamente do próprio entrevistado.

Realizamos entrevistas com perguntas abertas onde conseguimos informações sobre a estrutura das relações, relatos orais sobre a história do jornalismo mossoroense, sobre a participação dos indivíduos e opinião dos mesmos sobre os processos de mudança da imprensa local. Assim, conseguimos captar o imaginário dos indivíduos acerca de suas relações e reconstruir, ainda que de

⁶ O jornalismo televisivo local contava até 2007 apenas com a produção de uma sucursal da Inter TV Cabugi (afiliada da Rede Globo no RN). Somente a partir desse ano a TV a cabo e a TV aberta local, passaram a produzir seus próprios programas jornalísticos.

⁷ As entrevistas realizadas fora das redações ocorreram na universidade estadual (UERN) em Mossoró, três delas, e uma no lugar de trabalho de um “ex-jornalista” que tem outra ocupação fora da área de comunicação.

forma parcial, uma história dos últimos dez ou quinze do jornalismo local, procurando delinear um processo de transição na imprensa mossoroense.

Creemos que, para um primeiro momento, esse passo foi suficiente para alcançar os objetivos propostos. Para uma análise mais exaustiva, propomos uma abordagem que procure abarcar todas as atividades vinculadas à comunicação, desde a publicidade – também empresarial e não somente pública - até as assessorias de imprensa que começam a despontar no mercado local e cujas influências já são sentidas na prática jornalística mossoroense.

Procuramos de início mostrar a idéia de profissionalismo com a qual trabalhamos, partimos da idéia de que ele é uma forma de relação com a sociedade via trabalho. Nossa proposta é basicamente utilizar o modelo desenvolvido por Freidson (1996; 2001) como parâmetro de comparação, e conseqüentemente de explicação, da realidade apreendida do jornalismo praticado em Mossoró/RN. Fazemos a descrição desse tipo ideal de profissionalismo e da ideologia embutida nessa modelo mostrando a importância dele para análise do nosso objeto de estudo.

Em seguida, procuramos mostrar como o jornalismo é uma profissão que está entre o mercado e a política devido seu caráter de mediação entre as várias esferas sociais, tendo assim grande importância no processo comunicacional. No Brasil, durante o século XX, a profissão passou por mudanças no seu método de controle vocacional, no seu aparato tecnológico e nas leis que regulamentam o exercício profissional. O jornalismo transformou-se numa carreira e deixou de ser uma posição intermediária entre a política e a literatura como era antes. No entanto, para a compreensão dessa carreira é necessário entender como ela se relaciona com as esferas da política, sobretudo em Mossoró.

No terceiro capítulo traçamos um perfil da história política local. Mostramos como os Rosado surgem na vida política mossoroense e quais as características de suas táticas para se consolidarem no poder. Essa família usou, notadamente, instituições culturais como bibliotecas,

coleções literárias, arquitetura urbana, festas cívicas, etc., para criar no imaginário popular local a idéia de que são eles os que trazem o desenvolvimento para a região. Associada a essa estratégia está o uso clientelístico da administração pública, já que a família domina o executivo local desde 1948.

Em seguida mostramos a relação entre imprensa escrita e política em Mossoró, como o rearranjo das lideranças políticas locais nos anos 1990 - com a divisão em duas alas da família Rosado e com o surgimento já nos anos 1990 de um outro empresário do setor de comunicação local, Walter Fonseca – se refletiu numa diversificação e polarização da mídia local, entre aqueles que apóiam cada uma dessas lideranças.

Advogamos também que a nova forma de discursos políticos voltados para a idéia de revalorização do local, como espaço de radicalização da democracia, em contraposição a uma visão que via o local como o espaço do atraso, influenciou a forma como os jornalistas locais passaram a criar discursos sobre sua prática profissional. A ideologia do profissionalismo é usada para criar uma idéia de distanciamento das elites políticas locais, elas sim possuindo ainda a imagem ligada ao clientelismo, e até mesmo coronelismo.

No último capítulo mostramos o perfil e as principais mudanças que ocorreram no jornalismo local nos últimos anos. Tem ocorrido mudanças no método de controle vocacional, é necessário cada vez mais uma formação superior para exercer a profissão na cidade. A forma de organização da produção das notícias é mais racionalizada, as funções são mais bem definidas assim como há um maior uso da informática no ambiente de trabalho.

No entanto, as carreiras ainda são marcadas por baixos salários, o que leva a necessidade de outros empregos para complementar a renda, notadamente trabalhos como assessorias de imprensa, o que leva a conflitos éticos na profissão. A pouca estrutura do jornalismo local, que conta com um baixo mercado consumidor de jornais, leva-os a dependerem

financeiramente do poder público e das elites políticas locais, o que se configura em outro fator que mina a autonomia do jornalismo local.

Para Freidson a ideologia do profissionalismo está ligada ao desempenho de trabalhos com autonomia, a partir do domínio de uma expertise, mas a conquista e manutenção dessa autonomia por determinados segmentos profissionais depende de fatores políticos, econômicos, sociais, e não somente da expertise da profissão.

Mostramos como essa ideologia do profissionalismo pode existir como legitimação, ou discurso político, de determinados grupos que procuram criar a idéia de modernidade sobre práticas políticas consideradas tradicionais. Essa ideologia do profissionalismo não necessariamente pode estar somente ligada à busca por autonomia por parte de um grupo profissional, mas também pode surgir como discurso político associado a um segmento profissional que está ligado a elites políticas que procuram modernizar seu discurso para permanecer no poder.

2. Profissionalismo: uma forma de relação com a sociedade via trabalho

As análises clássicas de Weber, Marx e Durkheim sobre a modernidade tiveram um ponto forte em comum: a percepção da compreensão das relações de trabalho para entender a sociedade moderna. Escrevendo no século XIX e início do XX, estes autores vivenciaram um dos momentos de maior força do capitalismo: a revolução industrial e suas conseqüências.

Perceberam como esse fenômeno mudou de vez a sociedade ocidental dando-lhe uma especificidade. Analisaram a relação entre mercado e sociedade, não somente a partir da perspectiva de indivíduos como átomos, em que cada um atua buscando somente sua máxima satisfação e o sistema se auto-regula. Para esses autores, houve uma mercadorização das relações de trabalho o que trouxe conseqüências negativas para a sociedade, pois o trabalho não produziria ou refletiria mais ligações duradouras, antes, as desestabilizaria.

Dubar (apud RODRIGUES: 2002) mostra que as profissões eram vistas por autores como Durkheim, Weber e Parsons como uma continuidade das atividades comunitárias, ligadas aos ofícios. Essa relação dos homens com seu trabalho, baseada numa matriz comunitária, daria sentido ao trabalho, provocando uma integração positiva entre eles, proporcionada quando essas relações estivessem sob a batuta do mercado, ao invés de uma negativa.

A despeito das teorias sobre uma possível proletarização do profissionalismo, essas características perduram, pelo menos nos discursos de alguns grupos profissionais que procuram justificar suas posições e ações, assim como nos discursos daqueles grupos que querem ascender a uma posição de poder no sistema profissional usando para tanto a ideologia do profissionalismo.

É importante reter dois pontos destas perspectivas clássicas. O primeiro é que, para esses autores, a forma de organização do trabalho e a maneira como os indivíduos se inserem nela influencia seu comportamento em outras esferas da vida social. A segunda diz respeito à relação

entre trabalho e mercado, à compreensão de que houve uma mercadorização das relações de trabalho, o que levou à perda do *sentido* que ele dava ao indivíduo, o que tem conseqüências nas relações dos indivíduos com outras esferas, como a política e a cultural⁸.

Procuramos compreender como jornalistas vivenciam o seu trabalho e a forma como eles se relacionam com o mundo através dele. Procura-se perceber isso a partir da noção de profissionalismo, que é aqui entendida como uma das formas de comportamento no mundo do trabalho e na relação dos indivíduos com a sociedade via trabalho.

O profissionalismo pode ser uma justificativa para atuação política, a exemplo dos ministros do Supremo Tribunal Federal que usam a “ideologia do profissionalismo” para legitimar suas decisões (OLIVEIRA: 2002), ou pode servir para construção de uma identidade ocupacional, baseada na vivência do profissionalismo, que faz com que um grupo de trabalhadores possa se empoderar, e assim ser valorizado, diante dos clientes e dos “concorrentes”, como no caso dos enfermeiros do Programa Saúde da Família do interior da Paraíba (ARAÚJO: 2002).

O *agir profissional* está ligado à idéia de que os indivíduos que atuam no mercado de trabalho possuem um conhecimento específico e o utilizam em seu trabalho. Parte do pressuposto de que aqueles que recorrem a seus serviços são leigos no assunto e necessitam de orientação.

O *profissionalismo* está ligado a uma *expertise* – assim como o desenvolvimento de uma ética e de um *ethos* profissional – e as formas através das quais os indivíduos possuidores desses conhecimentos especializados criam, a partir de suas redes de relações, mecanismos que possibilitem o monopólio da prática profissional (FREIDSON: 1996).

⁸ Mais adiante, ao explanarmos a análise de Eliot Freidson (2001) sobre o profissionalismo, procuramos deixar mais clara a relação entre profissionalismo e mercadorização, ou re-mercadorização (CASTEL: 1998), que prejudicaria o aspecto da autonomia ligada ao profissionalismo. Mas o mercado também pode aparecer como uma “saída” em busca de autonomia, seria o “mercado bem dosado”. Na grande mídia brasileira, a discussão predominante é a de como barrar o mercado em nome da autonomia. Na “pequena mídia nacional”, onde se encontra a imprensa mossoroense, o aumento do mercado consumidor de notícias é visto como uma possível solução na busca de autonomia frente aos grupos políticos locais.

A questão da *profissionalização* também está ligada à divisão do trabalho na sociedade moderna. Freidson (2001) constrói um tipo ideal, nos moldes weberianos, como uma estratégia para facilitar o diálogo entre os estudos sobre profissões, tomando como base estudos empíricos sobre profissões nos EUA e mostra que o profissionalismo é uma *terceira lógica* de organização do trabalho. As outras duas seriam a do livre mercado e a burocrática.

A falta de uma base teórica comum prejudicaria as análises sobre profissões, pois dificultaria estudos comparativos. “Eu asseguro que um modelo lógico baseado em uma escolha fundada pode prover foco e direção para estudos empíricos” (p. 5). O modelo desenvolvido por ele é baseado no que chama de “mundo do trabalho”, mais particularmente, nas instituições econômicas e políticas nas quais as relações de trabalho estão inseridas.

Cada uma dessas lógicas, desses tipos ideais, possui uma ideologia distinta que procura cada qual, influenciar a opinião pública e se mostrar como a mais apropriada para a organização do trabalho.

A ideologia do mercado livre baseia-se na idéia de que não deve existir um monopólio e que o poder de decisão deve estar sempre nas mãos do consumidor, não havendo nenhuma espécie de regulação. Há um baixo nível de especialização, os indivíduos têm práticas profissionais mais fluidas, carreiras irregulares e predomina o saber prático.

A lógica burocrática está baseada no princípio gerencial. A forma de ingresso nessa organização se dá através do “departamento de recursos humanos”, e a forma de trabalho é altamente hierarquizada. As carreiras se desenvolvem dentro da firma (seja estatal ou privada) de forma vertical, o indivíduo está diretamente ligado à organização burocrática, quando ele porventura a deixa, não leva consigo a carreira.

A lógica do profissionalismo está baseada no princípio ocupacional, no domínio de uma *expertise*. A forma de ingresso nessa organização se dá pela exigência de credenciais que certificam o domínio de tal *expertise*.

A ideologia do profissionalismo:

valoriza o conhecimento abstrato, a formação nos cursos superiores, o controle do mercado pelos pares, a autonomia para realizar diagnósticos, a prestação de serviços especializados com qualidade e independente dos interesses dos clientes, do Estado e do mercado. A síntese da ideologia do profissionalismo é a *expertise* para servir com independência. (BONELLI: 2002, p. 16-17).

Para Freidson, as profissões são ocupações em que se desenvolve um tipo de trabalho especializado, em que há uma especialização criteriosa teoricamente fundamentada. Uma profissão se dividiria entre membros praticantes, administradores e professores pesquisadores, havendo uma relação muitas vezes tensa entre esses segmentos, cada um possuindo perspectivas e interesses próprios.

Freidson (idem) procura fazer, ainda, uma diferenciação entre o que é e o que não é profissionalismo. Sua análise recai então sobre a forma de condução do trabalho especializado, ele ilustra isso quando diferencia *ofício* de *profissão*. Para este autor, tanto o *ofício* como a *profissão* são espécies de trabalho especializado, ambos são vistos como tendo um caráter criterioso, de especialização criteriosa, ou seja, ele não é executado mecanicamente. Nesse tipo de trabalho, o conhecimento formal tem que se adaptar às contingências das tarefas a serem realizadas.

A diferença entre o *ofício* e a *profissão* reside no tipo de conhecimento e qualificação que os indivíduos empregam no exercício do julgamento. Os ofícios “[...] são aquelas especializações criteriosas baseadas principalmente na experiência e no treinamento prático extensivo que empregam conhecimentos, sobretudo práticos” (FREIDSON: 1996, p. 5). O trabalho das *profissões* se distingue do trabalho dos *ofícios* por ser uma especialização criteriosa teoricamente fundamentada.

Esta diferença está calcada nos métodos de controle do treinamento vocacional. O ofício se aprende dentro do mercado de trabalho, a profissão fora do mercado de trabalho, em instituições de ensino, normalmente de ensino superior, com conseqüências nas formas como esses métodos são avaliados.

Há uma valorização maior do método de treinamento vocacional das profissões, considerado mais homogêneo e sistemático, mais confiável que o treinamento dentro do mercado de trabalho. O que leva a outra conseqüência que marca a forte influência dessa forma de organização do trabalho na sociedade moderna: a valorização das instituições de ensino, normalmente universidades, responsáveis pela emissão das credenciais necessárias para o exercício da profissão.

Na sociologia das profissões, que se desenvolveu nos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1960, a posse de um diploma de nível superior era central como credencial para o exercício de uma profissão. Isso marcava a diferença entre uma profissão e uma não-profissão⁹ e, conseqüentemente, determinava quem tinha maior status dentro do sistema profissional ou mesmo do mercado de trabalho de uma maneira geral.

Bonelli (1993) mostra que, mesmo com o desenvolvimento de diferentes abordagens sobre o tema, passando de uma ligada ao altruísmo das profissões – predominante no início da sociologia das profissões – para uma abordagem que via as profissões como monopólios de poder – desenvolvida sobretudo a partir dos anos 1960 – há consenso sobre um ponto: a posse de conhecimento formal, abstrato, obtido em instituições de ensino superior como característica distintiva de uma profissão.

A posse desse conhecimento abstrato está relacionada com o desenvolvimento de uma espécie de independência cognitiva por parte de uma profissão. Tal independência tem um caráter

⁹ Usaremos a definição de profissão na língua inglesa, onde profissão está associada à posse de um título superior concedido por uma universidade. Quem não tem essa formação tem uma ocupação. No Brasil, o termo profissão está ligado ao trabalho urbano em contraposição ao trabalho rural (BONELLI: 1993).

normativo, no sentido de, a partir da *expertise* e do monopólio sobre esta, dizer como a sociedade deve ser.

Esses elementos fazem com que a universidade passe a ter um papel importante não somente no desenvolvimento do conhecimento, mas também na forma de organização do trabalho, devido ao ensino profissional estar associado a ela. Esse vínculo entre ensino profissional e universidade teria contribuído para a autonomia das profissões frente ao mercado e à forma de organização burocrática, tornando-se assim economicamente viável através do oferecimento de serviços especializados – baseando-se na idéia de prestação de serviços com ética e responsabilidade social.

Mas a legitimação de uma profissão perante a sociedade e, sobretudo o reconhecimento legal por parte do Estado de um quadro institucional que proporcione a auto-regulação, não depende apenas dos fatores cognitivos e normativos envolvidos no processo.

Tais elementos são importantes nas disputas políticas travadas para o estabelecimento da auto-regulação por parte de um grupo que desempenha alguma ocupação que considerem específica. Segundo Larson (1977), o tipo-ideal de Freidson não diz o que uma profissão é, mas o que ela pretende ser.

No que corresponde à relação entre profissão e Estado, não podemos definir se há uma determinação de um sobre outro, mas que há uma interdependência, conflituosa ou não, entre eles. Weber (1980) faz uma analogia entre o Estado moderno e uma empresa capitalista. Para ele, o Estado moderno vai realizar, na esfera do político, o que a empresa capitalista realiza na esfera do econômico, ou seja, a substituição de formas anteriores de administração – feudal, patrimonial, patricia – por uma rotina racional, legal e burocraticamente organizada.

Nesse contexto, a burocracia passa a ter um grande peso político e o conhecimento técnico especializado passa a ser um dos pilares para o funcionamento do Estado moderno. Com seu

aparato burocrático baseado no conhecimento especializado dos funcionários, procura governar as várias esferas da vida social, intervindo menos ou mais no cotidiano dos indivíduos, porém quando o faz, esta ação tem um forte peso de conhecimento especializado e uma participação cada vez maior de grupos profissionais.

Barbosa (1998) mostra como os engenheiros, e mais recentemente os economistas e advogados, influenciaram e influenciam as escolhas e as formas de administração do Estado brasileiro, atuando como funcionários estatais ou mesmo fora da administração pública.

Coelho (1999), analisando as relações existentes entre profissões e Estado, mostra que os grupos profissionais sempre contaram de alguma forma, com a legitimação dada pelo Estado ao estabelecimento de monopólios sobre suas áreas de atuação. Para tanto, ele descreve os processos históricos das relações entre profissões (direito, medicina e engenharia) e Estados europeus e norte-americano, demonstrando que, invariavelmente, o Estado sempre esteve presente na regulação das profissões, ou seja, que sua autonomia não teria sido conquistada apenas através do desenvolvimento de um corpo de conhecimentos especializados¹⁰.

Para Freidson (1996), a variável mais importante para o profissionalismo é o Estado. As instituições do profissionalismo não podem ser estabelecidas ou mantidas sem o exercício do poder do Estado, pois o controle ocupacional do mercado de trabalho e do modo de ensino vai contra o interesse tanto dos consumidores individuais como das empresas (FREIDSON, 1996, p. 6).

Isso ocorre, porque, para ele, o que é intrínseco a uma profissão é seu corpo de conhecimento e suas qualificações. Porém, para poder exercer monopólio sobre uma área no mercado de trabalho é necessário a ação legitimadora do Estado, que garantiria a autonomia (ou não) da profissão. Essa autonomia estaria sendo ameaçada pelas lógicas de mercado e burocrática.

¹⁰ Um ponto importante da análise de Coelho (1999) é a crítica a autores que analisam as profissões como mais ou menos submissas às regras do mercado ou do Estado, construindo uma espécie de escala. Para ele não há como compreender claramente o fenômeno profissional com essa perspectiva. O que demonstra sua concepção de que essas esferas estão continuamente se influenciando e se moldando.

Segundo ele, a posição dos profissionais – do controle sobre o próprio trabalho – estaria sendo ameaçada pela política da competição (mercado) e da eficiência (burocracia). Os serviços dos profissionais, cada vez mais caros e menos eficientes, estariam sob ameaça de serem controlados por firmas (que têm como principais figuras os *managers*), que procuram prover eficiência a baixos custos e que competiriam entre si pelos consumidores.

A ênfase na competição e na eficiência estaria prejudicando o profissionalismo a partir de sua base: a autonomia. Isso se relacionaria com uma questão estrutural, com as características do capitalismo contemporâneo e sua influência sobre o mundo do trabalho. Para Castel (1998), haveria uma re-mercadorização das relações sociais via trabalho, uma situação semelhante à analisada pelos clássicos, como mostrado acima.

O que se quer ao estudar o jornalismo em Mossoró, a partir dos pressupostos acima expostos, vem da constatação de que o mesmo vive, nos últimos anos, um processo de mudança que tem como características gerais: a) mudança no método de controle vocacional, de *ofício* para *profissional*; b) transformações no mercado da imprensa local com a criação de novos órgãos de comunicação e modernização das técnicas do fazer jornalístico, o que significaria uma passagem de uma prática amadora para uma profissional; c) acirramento, no país, das discussões sobre a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, que ganha contornos locais mais expressivos a partir da criação, em 2003, do primeiro curso de Comunicação Social na cidade.

Tais elementos associados às características políticas locais fizeram surgir na cidade, sobretudo a partir dos anos 2000, o discurso da ideologia do profissionalismo no jornalismo. É através dele que os jornalistas locais expressam sua relação com a sociedade, notadamente a forma como se relacionam com a política local.

3. O Jornalismo como profissão: entre o mercado e a política

A profissão de jornalista possui um caráter duplo de mediação: por um lado, a que ocorre pelo próprio exercício profissional fazendo circular informações das várias esferas sociais no espaço público, por outro, a qualificação desse tipo de mediação ancorada numa ideologia do profissionalismo.

O surgimento do jornalismo enquanto uma ocupação, uma carreira, está associado ao desenvolvimento de uma esfera pública de mediação entre o público e o privado. Para Habermas (APUD THOMPSON: 1995), com o rápido desenvolvimento da economia capitalista e o estabelecimento de um “estado constitucional burguês”, surge a “autoridade pública”, que estava ligada ao Estado. As atividades deste passaram a ser consideradas atividades públicas que ocorriam em esferas de jurisdição definidas pelo sistema estatal.

Por outro lado, emerge também nesse período, uma “sociedade civil”, “como o campo das relações econômicas privadas que foram estabelecidas sob a égide da autoridade pública” (THOMPSON: 1995; p. 145). Esse espaço é considerado “privado” e compreende também as relações familiares, as relações pessoais, estas cada vez mais desvinculadas das atividades econômicas. Entre esses dois domínios, o da autoridade pública estatal e o da sociedade civil, surge uma nova esfera do público.

uma esfera pública burguesa que consiste de indivíduos privados que se juntaram para debater, entre eles e com as autoridades do estado, sobre a regulação da sociedade civil e a condução do estado. O meio para essa confrontação foi importante e sem precedentes: o uso público da razão como articulada por indivíduos privados engajados numa discussão que é, em princípio, aberta e sem coerção (THOMPSON: 1995; p. 145).

É esse novo espaço de mediação entre público e privado que, com seu desenvolvimento e autonomização, possibilitou a emergência de uma ocupação, um mercado de trabalho, uma carreira para jornalistas.

Manin (1995) enfatizando a relação entre representantes e representados, advoga que atualmente vivemos numa *democracia do público* onde a imagem dos governantes se investe de grande importância devido a fluidez das intenções de voto dos eleitores. Sendo assim, o caráter da opinião pública passa a ter grande importância nas decisões políticas.

A imagem dos representantes diante do público é construída por meio de uma relação direta com os eleitores através dos meios de comunicação, dispensando-se a mediação de uma rede de relações partidárias e devido à impossibilidade de relações pessoais próximas entre representantes e representados. Assim, a comunicação passa a ter cada vez mais importância no processo de escolha dos representantes políticos, estes têm que se adaptar as regras desse espaço para conseguir sucesso eleitoral.

Para Kerbauy (1992) o processo de mediação política antes exercido pela figura do “coronel” em cidades do interior de São Paulo, agora passa a ser desenvolvido pelo “político moderno”, que atua de acordo com uma lógica de racionalidade administrativa. Essa nova racionalidade no cálculo político requer uma aproximação maior com os meios de comunicação que além de diminuir o isolamento desses lugares fizeram com que os novos políticos locais tivessem que se adaptar ao novo tipo de imagem que seu eleitorado esperava ver deles.

Tal fenômeno fica evidente no Brasil quando constatamos que boa parte dos órgãos de comunicação têm em seu controle grupos políticos e/ou políticos-familiares (DE LIMA: 2001). Isso significa dizer que a profissão de jornalista – assim como as outras ligadas ao espaço da Comunicação de maneira geral – tem papel preponderante no sistema político, pois é o meio de ligação entre o espaço público e o privado, entre representantes e representados.

O desenvolvimento dessa profissão no país esteve fortemente marcado por suas relações com a política e a literatura. Inicialmente era considerada uma ocupação provisória, intermediária entre as almeçadas posições na política e na literatura, ainda não se configurava como uma profissão, com a posse de uma *expertise* específica. Ela surge associada a um projeto político de construção de uma nacionalidade, o repórter é aquele que vai “descobrir o Brasil”. Nos Estados Unidos a figura do repórter, ao contrário, surge associada ao domínio de uma *expertise* e a um comportamento pautado pela objetividade e neutralidade (PETRARCA: 2005).

O jornalismo passa a ser visto de maneira mais empresarial somente a partir do processo de industrialização que ocorreu no país nas primeiras décadas do século XX (MELO: 2006)¹¹. Até o golpe de 1964 os meios de comunicação no Brasil (rádio, televisão, jornais e revistas) estavam em plena transição. Ocorria um processo de profissionalização e empresariamento, impulsionado pela industrialização, desenvolvimento econômico e por fatores políticos como a democratização após a II Guerra, e o Estado Novo, que incentivou o processo de profissionalização de diversas profissões além do jornalismo.

Nessa época, começam a surgir novas formas de gerenciamento das empresas de comunicação com o início da gestão de propaganda (LATMAN-WELTMAN: 2003). Para Latman-Weltman a profissionalização do jornalismo no Brasil foi “responsável por importantes inovações e pelo avanço de uma concepção mercadológica de empreendimento jornalístico” (idem: p. 133).

A inclusão da publicidade como uma das principais fontes de renda dos órgãos de comunicação proporcionou também mudanças no perfil editorial dos mesmos e conseqüentemente no trabalho desempenhado pelos jornalistas nesses órgãos. A ocupação de jornalista no Brasil que

¹¹ “Isso vai coincidir (o processo de industrialização do país) com o nascimento das primeiras empresas jornalísticas que, a exemplo das experiências européias e norte-americanas, mantêm jornais como fonte não apenas de poder político, mas também de lucro. O jornalismo assume, portanto, uma estrutura operacional típica das empresas capitalistas, caracterizando-se por uma maior longevidade. São organizações que se mantêm com recursos provenientes da publicidade, mas que, diante das limitações do capitalismo periférico, não podem se dar ao luxo de dispensar os subsídios estatais.” (MELO: 2006; p. 84)

estava associada originariamente à política e à literatura, estava agora se relacionando com uma outra esfera, a da publicidade.

Durante o período militar entre as décadas de 1960 e 1980 houve um alto investimento estatal no sistema de mídia brasileiro, o que contribuiu para sua modernização tecnológica e para a manutenção da estreita relação com a política, com o Estado. Se a relação do jornalismo com a literatura diminuiu, podemos dizer que a relação com o mercado aumentou, tornando-se cada vez mais complexa¹².

Abreu (2002) mostra que o desenvolvimento das empresas de comunicação no Brasil voltou-se cada vez mais para atender as necessidades do mercado, mudando os sistemas internos de administração com base na demanda do mesmo, e como esse processo influenciou a transformação do perfil do jornalista brasileiro.

De jornalistas “românticos”, que entravam na profissão como uma estratégia de engajamento político, agora os jornalistas transformaram-se em “profissionais”, tendo uma visão mais pragmática do mundo e do seu trabalho, mudaram a forma de ver os fatos e “praticar quotidianamente sua profissão” (ABREU: 2002, p. 38).

Para a autora, as mudanças ocorridas no jornalismo brasileiro, sobretudo a partir dos anos 1970, só foram possíveis devido à “introdução de novos métodos racionais de organização e gestão de empresas” (idem: p. 37), isso exigiu um novo tipo de profissional para atuar nessa área.

Uma das características do jornalismo no Brasil é que o quadro institucional da profissão ainda não está bem definido, é objeto de disputas. Petrarca (2006) mostra que aconteceram duas tentativas de estabelecimento de um quadro institucional: um primeiro na década de 1930, durante a ditadura Vargas e o segundo no regime militar entre os anos 1960 e 1980.

¹² Para uma análise mais acurada da relação do sistema de mídia brasileiro com o mercado e com a política, ver Latman-Weltman: 2003.

Na Era Vargas essa institucionalização de um quadro legal estava ligada a uma estratégia dos intelectuais (entre eles escritores e jornalistas) de influenciar o Estado brasileiro na tentativa de “criação” de uma identidade nacional num processo de integração do país. Nesse sentido, havia uma sintonia política entre o grupo profissional e o Estado, a organização legal do grupo lhes dava maior poder de influência política.

No fim do período militar, fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, o estabelecimento de limites jurídicos da profissão estava, ao contrário, ligado a uma posição de confronto com o Estado, a profissionalização foi vista como uma estratégia de combate à ditadura (ABREU: 2003).

Para Abreu (2003), a profissionalização poderia ser pensada como estratégia política na medida em que o estabelecimento de uma autonomia sobre determinada área de atuação poderia ser vista como um recurso para a ação política autônoma. A profissionalização, assim, teria permitido formas de engajamento político em uma conjuntura de pouca liberdade.

Essa afirmação pode parecer contraditória para os que entendem que o profissionalismo está baseado na prática e em valores não-partidários e não-ideológicos. Mas, quando se atribui ao profissionalismo uma ampla liberdade de comportamento e se incluem as estratégias de atuação em uma conjuntura não democrática, é possível aliar profissionalismo a posição ideológica e ligação partidária (ABREU: 2003; p. 31).

Nesse período, segundo a autora, com o desenvolvimento da Indústria Cultural no país, há uma ampliação das demandas do mercado surgindo assim diferenciações no próprio espaço de trabalho. Isso impulsionou a organização desse espaço, limitando a concorrência com a exigência do diploma universitário para exercer a profissão.

O Decreto-Lei nº 972 de 17 de outubro de 1969¹³ (NEVES: 2000) foi a última lei promulgada sobre a definição da profissão de jornalista no Brasil, esse decreto tornou obrigatório o

¹³ Desde então, ela é objeto de disputas judiciais por parte de grupos favoráveis à obrigatoriedade e aqueles que são contra. Em 2001 uma decisão judicial tornou não obrigatório o diploma, até agora não há entendimento jurídico sobre

diploma em curso superior de jornalismo e regulamentou a profissão codificando as regras de conduta dos jornalistas.

Tal processo impulsionou um movimento de mudança no tipo de treinamento vocacional da profissão. Segundo Abreu (2003) - analisando a formação de jornalistas que atualmente ocupam cargos de direção ou prestígio na “grande imprensa” que iniciaram suas carreiras nas décadas de 1970 e 1980 - há um aumento no número daqueles que concluíram cursos superiores em jornalismo em relação àqueles que concluíram outros cursos ou não concluíram nenhum curso superior. Na geração anterior, a do pós-guerra, o número dos que concluíram jornalismo era bem menor, seja porque ainda não havia muitas escolas de jornalismo, seja porque o diploma ainda não era considerado elemento importante.

O desenvolvimento da profissão de jornalista no Brasil é marcado pelas mudanças ao longo do século XX no treinamento vocacional, no aparato tecnológico, nos limites legais da profissão e nas relações com a política, economia e com as mudanças na sociedade brasileira.

Assim como outras profissões, a de jornalista também está entre o mercado e a política¹⁴, pois tem na sua prática cotidiana o exercício de mediação entre vários indivíduos e esferas sociais. Nas entrevistas que realizamos com jornalistas em Mossoró fica evidente em seus discursos a tentativa de se adaptar as lógicas do mercado e da política para alcançar sucesso na profissão.

Durante a pesquisa de campo ficou claro que não poderíamos compreender o processo de profissionalização do jornalismo em Mossoró sem entender a política local e como esta se relaciona com a imprensa do município. Ao serem perguntados como era trabalhar na imprensa

esse ponto, que significa um embate pela definição das fronteiras da profissão. Essa indefinição acerca da obrigatoriedade do diploma também afeta a imprensa de Mossoró/RN. A cidade até 2003 não dispunha de curso de jornalismo, não era obrigatório para o jornalista local o diploma. Para efeito de regularização profissional bastava-lhes o registro precário, concedido mediante comprovação de que se trabalhava desempenhando as funções de jornalista, designadas no Decreto-Lei nº 972. Com a criação do curso de comunicação social na cidade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e com as indefinições sobre a obrigatoriedade ou não do diploma, a questão da formação em um curso superior em jornalismo passou a ter peso na imprensa local.

¹⁴ Engelman (2002) mostra como também no Direito há esse conflito entre mercado e política na profissão.

mossoroense, como viam o jornalismo na cidade, invariavelmente, de maneira espontânea, surgia o tema das pressões políticas locais que fazem com que cada jornal tenha um posicionamento consoante um grupo político que lhe apóia.

Nada de novo, se consideramos que de acordo com a bibliografia analisada sobre a história da imprensa no Brasil esse seja o padrão de comportamento dos órgãos de comunicação no país (DE LIMA: 2001). No entanto, procuramos mostrar como esse fenômeno ocorre em uma imprensa em transição que se localiza na periferia do sistema midiático nacional em uma cidade de porte médio, que tem como característica política marcante ser governada a mais de cinquenta anos por uma única família, os Rosado.

Nossa intenção é compreender como o discurso do profissionalismo no jornalismo aí surge e como isto tem relação com as práticas políticas locais. Moretzsohn (2001) diz que o discurso do profissionalismo, ligado à idéia de objetividade, procura mascarar o caráter político do jornalismo por trás da técnica. Procuramos mostrar como esse discurso do profissionalismo e da objetividade é usado conforme a posição dos indivíduos no jogo político local.

4. Os Rosado e o poder local em Mossoró

O poder local é um problema sociológico clássico no Brasil como podemos ver pela análise conceitual feita por Carvalho (1997). Este autor procura mostrar que o abundante material sobre essa questão produzida aqui e no exterior requer uma revisão conceitual para que as pesquisas possam avançar. Tal discussão se concentra em conceitos como coronelismo, clientelismo, mandonismo, patrimonialismo e feudalismo. Foi através desses conceitos que se pensou o poder local no país.

Outro ponto comum nas análises, como mostra Carvalho (1997), é que o tema sempre é tratado a partir da relação entre o poder local e o poder nacional. As características do poder local são traçadas mediante suas relações com a federação ou com o Estado, na medida em que o domínio político local sempre depende de alguma forma do apoio daqueles.

Conceitos como coronelismo, clientelismo e mandonismo passam a imagem de práticas políticas calcadas em mecanismos que prejudicariam o bom andamento da democracia. Para Leal (1978) é o espaço onde o privado se apodera do espaço público. Esse fenômeno vem acompanhado da formação de oligarquias e surgimento da figura dos “coronéis” que aparecem como elementos políticos relevantes, sobretudo no período da República Velha.

A bibliografia analisada¹⁵ sobre a política local em Mossoró enfatiza a permanência no poder da família Rosado, que domina o executivo local desde 1948. Mostra as estratégias usadas para a sua consolidação como única força política local.

Tais análises enfatizam o uso do imaginário local como estratégia de consolidação do poder da família. Este é usado para construir uma imagem de lideranças que trazem o progresso

¹⁵ Lucas (2001), Silva (2004), Filgueira (2001), Felipe (2001), Sousa (2004), Lima (2006).

para a região. Os Rosado usaram universidades, coleções literárias (Coleção Mossoroense), festas cívicas e até mesmo o espaço urbano como estratégia de consolidação da sua força política.

Quando analisamos os esforços de realização cultural, com a criação da biblioteca pública, museu municipal e um boletim bibliográfico, à semelhança do que constata Micelli, percebe-se que em Mossoró, na arregimentação de intelectuais para trabalhar nas instituições criadas pelos Rosado, não se configurou somente uma preocupação com a educação e cultura; criar instituições de domínio intelectual traduz estratégias agregadoras de uma elite cultural na cidade. Nesse sentido, o vínculo às instituições transformou-se numa ligação à família. (LIMA: 2006, p. 134)

Para Silva (2004) a oligarquização do poder em Mossoró ocorre entre a República Velha e a implantação do Estado Novo. Durante a República Velha Mossoró transforma-se em importante empório comercial dos interiores do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba. Segundo esse autor, as secas do fim do século XIX e início do século XX contribuíram para a transformação da cidade em centro comercial.

É inegável que a seca de 1877 favoreceu a economia de Mossoró, já que o êxodo rural proporcionou à cidade um crescimento demográfico preocupante para o poder público. Milhares de flagelados se dirigiam à cidade em busca de meios de sobrevivência, formando um verdadeiro exército de desempregados nas ruas da cidade...(Silva: 2004)

O município concentrou a distribuição de recursos no combate à seca, esse foi um dos fatores que provocaram o êxodo rural para a cidade. Isso teria favorecido o desenvolvimento do comércio local e posteriormente a indústria, sobretudo do Sal, que contava com mais investimento, vindo dos lucros do comércio e com a mão-de-obra barata dos flagelados. Para esse autor, neste período surge e se fortalece em Mossoró uma burguesia comercial.

Com a decadência a partir dos anos 1920 do comércio local - segundo Silva (2004) porque não houve uma modernização, sobretudo nos meios de transporte que ligavam o município à

outras regiões - começam a se desenvolver em Mossoró atividades agro-industriais. As principais estavam ligadas a pecuária, ao beneficiamento do algodão, extração e moagem do sal e da gipsita (material usado na produção de cimento). Isso dinamizou a economia local e trouxe para a cidade uma gama de serviços como hospitais, escolas, casas bancárias e demais serviços públicos.

A história da família Rosado em Mossoró começa em 1890, com a chegada do “patriarca” Jerônimo Rosado. Paraibano de Catolé do Rocha, farmacêutico, formado no Rio de Janeiro tendo seus estudos pagos por famílias tradicionais no comando da política paraibana. É caracterizado como um bom “cabo eleitoral” (FELIPE: 2001), ligado a figuras políticas importantes da cidade como o médico Almeida Castro.

O Velho Rosado (Jerônimo Rosado) sempre foi apresentado como um profissional liberal, farmacêutico, professor, pesquisador. Conduzido à chefia da Intendência, cedo *Seu Rosado* construiu sua fortuna (...) além de sua botica que agora não mais seria a sua principal atividade de sustento, servia como consultório para os médicos que residiam na cidade atenderem pacientes. Os políticos médicos, contemporâneos de *Seu Rosado*, atendiam gratuitamente na *Pharmácia Rosado*, (...). Não é difícil imaginar a relação que ali se estabelecia entre médico-político e paciente-carente no interior nordestino, o que demonstra a inversão do caminho e a precocidade de formação da base de sustentação de poder político dessa família, fora dos padrões clássicos da posse de terras. (LUCAS: 2001; p. 75).

Lucas (2001) desenvolve a tese de que os Rosado teriam como diferencial na consolidação de seu poder político o fato de não possuírem grandes propriedades de terras e sim força no comércio, na indústria e no clientelismo político, Lima (2006) mostra que Jerônimo Rosado nunca foi tratado como coronel na historiografia local.

Não é nosso objetivo aqui aprofundar esse tema, mas fica claro nas análises locais o fato de que o domínio dessa família é marcado de início pela sua força econômica advinda das indústrias de extração do sal e da gipsita e pelas relações com famílias de poder político tanto em Mossoró como nos vizinhos estados da Paraíba e Ceará.

Para Felipe (2001) os Rosado tinham duas características que fortaleciam sua atuação política: a boa situação financeira adquirida com o sucesso dos negócios, sobretudo da gipsita¹⁶ e a imagem de homens preparados para a política, construída a partir desse sucesso empresarial.

A força política dos Rosado cresce juntamente com o fortalecimento de lideranças políticas no Oeste e no Seridó, regiões do interior do Rio Grande do Norte, entre os anos 1920 e 1930 em detrimento do declínio de forças políticas da capital em função da redução da importância da atividade açucareira no litoral e do fortalecimento no interior do algodão e da pecuária.

Os Rosado estavam ligados politicamente (através de relações familiares e de compadrio) aos Fernandes, que tinham como principal figura política da família Rafael Fernandes, governador do estado entre 1935 e 1937 e depois interventor de 1937 até 1943. Esta família atuava no ramo do algodão e do sal e exerciam o domínio político da região.

A ascensão dos Rosado ao executivo municipal ocorre em 1948 quando Dix-sept Rosado, filho de Jerônimo Rosado se elege prefeito. Desde então, o prefeito da cidade é da família ou alguém apoiado pela mesma, apenas nas eleições de 1958 e 1962 isso não ocorreu.

¹⁶ “atuando num mercado de construção em expansão na região Sudeste, tinham consumo assegurado pelas fábricas de cimento a ponto de uma empresa ser criada no Rio de Janeiro, em 1946 para cuidar da comercialização do gesso explorado nas minas de São Sebastião, antigo distrito de Mossoró. Os dados sobre o comércio de exportação de Mossoró pelo Porto de Areia Branca, no período entre 1947 e 1953, colocam o gesso como o terceiro produto em termos de valor exportado, perdendo apenas para o algodão e o sal.” (FELIPE: 2001)

Resumo das eleições municipais de Mossoró, a partir da eleição de Dix-sept em 1948

Ano	Candidatos eleitos e partidos	Candidatos derrotados e partidos
1948	Jerônimo Dix-sept Rosado Maia (UDN)	Sebastião Gurgel (PSD)
1952	Jerônimo Vingt Rosado Maia (PR, PSD, PTB)	Francisco Duarte Filho (UDN)
1958	Antonio Rodrigues de Carvalho (PTB)	Francisco Duarte Filho (UDN, PSD)
1962	Raimundo Soares de Souza	Francisco Duarte Filho
1968	Antonio Rodrigues de Carvalho (MDB)	Jerônimo Vingt-un Rosado Maia (ARENA)
1972	Jerônimo Dix-huit Rosado Maia (ARENA)	Lauro Escóssia (MDB)
1976	João Newton da Escóssia (ARENA)	Leodécio Fernandes Néó (PMDB)
1982	Jerônimo Dix-huit Rosado Maia (PDS)	Francisco Canindé Queiroz – sub-legenda do PSD João Batista Xavier (PMDB) Mario Bezerra Fernandes (PT)
1988	Rosalba Ciarlini Rosado (PDT, PDS, PFL)	Laíre Rosado (PMDB)
1992	Jerônimo Dix-huit Rosado Maia (PDT, PMDB) ¹⁷	Luis Colombo Pinto (PFL, PDS)
1996	Rosalba Ciarlini (PFL, PSDB)	Sandra Rosado (PMDB)

Fonte: Felipe (2001)

Nas eleições de 2000 Rosalba Ciarlini Rosado (PFL) é re-eleita em disputa com sua prima Fátima Rosado (PMDB) apoiada pelo casal Laíre e Sandra Rosado. Em 2004, Fátima Rosado (PFL) com o apoio de Rosalba Ciarlini vence as eleições para o executivo municipal em disputa com Larissa Rosado, filha de Sandra e Laíre Rosado. Segundo Lucas (2001) no fim dos anos 1980 há uma divisão na família, ocorre uma crise entre os integrantes da segunda geração de Jerônimo Rosado sobre quem seria a figura política importante e conseqüentemente o chefe familiar.

Ela levanta a tese de que essa divisão teria sido uma estratégia para manter o controle político dentro da família, isso seria uma resposta à ameaça de surgimento de outras forças políticas

¹⁷ Dix-huit morre em 23/10/1996 – sua vice-prefeita é a sobrinha filha de Vingt e esposa do deputado Federal Laíre Rosado – conclui o mandato de cerca de três meses.

locais¹⁸. A disputa pelo executivo municipal, a partir das eleições de 1988, começa a ser polarizada por candidatos pertencentes à mesma família, situação e oposição pertencem aos Rosado. Uma ala liderada por Carlos Augusto Rosado, apoiando José Agripino Maia, ex-governador do estado nos anos 1980 - a outra, liderada pelo ex- deputado federal Laíre Rosado, apoiando Aluísio Alves¹⁹, também ex-governador, adversário de Agripino, refletindo assim as disputas a nível estadual.

Desde então, os Rosado se “dividem” entre *lairistas/sandristas* e *rosalbistas*. Os primeiros ligados às figuras de Sandra Rosado, atualmente Deputada Federal pelo PSB, ex- prefeita e ex- deputada estadual e Laíre Rosado, seu marido, ex-deputado federal. Os rosalbistas são ligados à Rosalba Ciarlini, casada com Carlos Augusto Rosado, atualmente senadora pelo Democratas, ex-prefeita por três vezes da cidade.

Ao contrário do que ocorreu no interior de São Paulo como mostra Kerbauy (1992) onde houve o surgimento de novas lideranças políticas num processo de industrialização, urbanização e mudanças políticas institucionais, em Mossoró a estrutura de poder se manteve, apesar da urbanização²⁰ e das mudanças institucionais, sobretudo as mudanças administrativas na gerência que passaram a ocorrer com maior impacto na cidade no fim dos anos 1990 como mostra Lima (2006).

Esse autor mostra que a cidade passou nos anos 1990 por um processo de mudança na estrutura organizacional da administração pública municipal. Tal processo foi impulsionado por pressões do governo federal que procurava tornar o acesso e fiscalização dos recursos públicos mais democrático. A prefeitura teve que se adaptar sob pena de não receber recursos federais.

Essas mudanças administrativas, que poderiam trazer alterações no equilíbrio de poder municipal já que prevêem a participação maior de outros atores políticos na administração pública,

¹⁸ Nesse mesmo período, há um movimento contra os Rosado dentro da então FURRN, a associação de professores consegue uma forte vitória com a estadualização da universidade, essa luta era então travada contra a dominação política dos Rosado dentro da instituição. (FILGUEIRA: 2001)

¹⁹ Atualmente este grupo está no PSB partido da atual governadora do estado Wilma de Faria.

²⁰ Em 2000 a taxa de urbanização da cidade era de 93,1%. (ROCHA: 2005)

como conselhos, associações de bairros, e mesmo a participação maior de profissionais devido a tecnicidade exigida nas decisões, não refletiram mudanças significativas na política local segundo o autor.

Novos atores políticos significativos não surgiram ao ponto de colocar em xeque o domínio político dos Rosado na cidade. Para Felipe (2001), mesmo com o desenvolvimento econômico da região que teve como principais setores a fruticultura irrigada voltada para exportação e a exploração de petróleo, o que levou a uma maior urbanização e desenvolvimento do comércio, isso não se refletiu no surgimento de novas lideranças políticas. Os Rosado mantêm a estratégia de sempre estarem presentes, mostrando-se como os agentes do desenvolvimento local.

Eles passam a usar os novos discursos relacionados ao poder local, fruto de uma ressignificação desse espaço que, sobretudo a partir dos anos 1980, passa a ser visto não mais como sendo do clientelismo, do coronelismo e mandonismo. Para Costa (1996) nos últimos vinte anos houve um processo de ressignificação, de uma imagem negativa, do atraso, da pobreza, “as estruturas do poder local passaram a espaço de possibilidades de experimentos democráticos inovadores e do exercício da cidadania ativa” (IDEM: 1996; p. 113).

O local passou a ser visto como possuidor de positivities, como a esfera de poder que pode responder as demandas de maneira mais eficiente do que o Estado num momento em que há uma descrença nas possibilidades de respostas rápidas dadas pela estrutura do Estado Nacional aos problemas locais. O poder local como o espaço de realização da democracia, algo contrário ao caracterizado por Leal (1978).

Somando-se isso ao processo de globalização, ou mundialização, que fortalece o processo de “surgimento”, ou fortalecimento de “fronteiras”, não necessariamente fronteiras nacionais, mas culturais, criando a idéia de necessidade de um espaço local seguro em

contraposição a um espaço global de risco (BAUMAN: 2000). Assim, a experiência do local como radicalizador da democracia é mundial (CASTELLS apud COSTA: 1996).

No Brasil a gênese dessa ressignificação ocorre a partir dos anos 1980. Sobretudo com a Constituição de 1988 que possibilita maior autonomia ao município. O local como espaço da democracia ativa se empodera com os problemas enfrentados pela federação para responder as demandas sociais.

O momento histórico pelo qual passa o Brasil também contribui para esse fortalecimento. Nesse momento ocorre a transição do regime autoritário para o democrático, há o fortalecimento de movimentos sociais que surgiram nos anos 1970 e 1980, aumenta o número e a visibilidade de gestões municipais participativas. O poder local agora é visto a partir da trilogia: democracia, descentralização, participação popular.

A força desse espaço fica clara quando tanto esquerda como direita, no espectro político brasileiro, se apropriam dos discursos relativos a ele como democratização, inversão de prioridades, gestão participativa municipal, para legitimar suas práticas políticas (COSTA: 1996).

Essa interpretação é significativa quando se analisa como o nordeste se insere nesse contexto. A pouca expressividade dos novos movimentos sociais na região e a fragilidade da sociedade civil permitiram que atores políticos que dominavam durante o regime militar continuassem no poder, mas com um discurso diferente, o discurso da participação. Isso dificultou o surgimento de novos atores políticos nesse espaço (COSTA: 1996) ²¹.

Ainda segundo Costa (1996) no Rio Grande do Norte isso acontece tanto a nível estadual quanto municipal. José Agripino Maia, governador durante o regime militar, usa em seu governo, já no regime democrático, o discurso da participação popular, da organização comunitária.

²¹ Houve um processo de industrialização (pós SUDENE), porém “as alterações econômicas e sociais verificadas não refletiram-se na esfera política, em que a tradição familiar e a polaridade entre famílias aprisionadora da instituição da esfera pública e constrangedora da constituição de novas identidades e alteridades políticas constituem realidade ainda hoje presente” (COSTA: 1996; p. 117)

Os governos se anteciparam, e devido à fragilidade da sociedade civil, instrumentalizaram sozinhos a participação popular. Eles criaram e controlaram, e somente reconheceram os espaços de participação organizados pelo Estado.

Se não há uma mudança de fato, mas sim de discurso, isso aponta para a força do significado dessa nova interpretação do local. No que diz respeito ao jornalismo impresso mossoroense, constatamos que há um discurso entre os jornalistas entrevistados, bem como em projetos desenvolvidos pelos jornais²² de valorização da cidadania, da promoção de uma democracia participativa, de uma valorização do local, como o lugar de realização da política.

Há uma tentativa de distinção, de distanciamento da imagem dos jornais e dos jornalistas como instrumento político das elites políticas locais, uma busca de uma maior autonomia, que é impossibilitada segundo eles, por fatores econômicos.

Para Leal (1978) a falta de autonomia política da maior parte da população submetida ao coronelismo se dava pela estrutura econômica que levava à pobreza e falta de informação, instrução dessa população. Para alguns jornalistas entrevistados, o princípio é o mesmo no jornalismo local. Eles mostram que a falta de autonomia no jornalismo mossoroense vem da dependência financeira dos veículos de comunicação do poder público, da publicidade governamental, que depende da relação dos donos dos jornais com os grupos que estão no poder.

Nas entrevistas, um ponto comum dos discursos é o de que a autonomia financeira levaria a uma autonomia profissional e contribuiria para a diminuição das distorções no noticiário. O profissionalismo, mas não necessariamente o diploma em curso superior de jornalismo, é visto como um instrumento de luta política, de resistência à pressão de elites políticas locais.

Os elementos referentes ao profissionalismo são, em tese, interpretados de forma diferente do que fez os Rosado ao longo do século XX, sobretudo o patriarca Jerônimo Rosado. A

²² Notadamente o jornal Gazeta do Oeste que conta com projetos como Gazeta Cidadã e Ler Para Saber Mais, o primeiro projeto voltado para dar “voz” à população local e o segundo um projeto voltado para a distribuição do jornal em escolas públicas.

associação do profissionalismo com as elites políticas é vista de forma negativa, como um empecilho ao progresso, a modernização, representando a imagem negativa do poder local. Por outro lado, o profissionalismo aparece como um ethos “civilizador”, o realizador da democracia.

Entre os jornalistas, provavelmente devido seu papel mais destacado - com maior visibilidade no processo político - o profissionalismo aparece como complementação da prática política²³, assim como acontece entre os ministros do STF que usam a identidade profissional como arma política, procurando, através dela, garantir a coesão e a autonomia do grupo, procurando não partidarizar suas opiniões (OLIVEIRA: 2002).

No discurso dos jornalistas locais estes buscam na sua especificidade a legitimação de sua autonomia, procurando se desvencilhar de outras esferas, sobretudo a política, como uma forma de promover sua autonomia profissional. Procurando praticar assim uma “política profissional” em contraposição a uma “política convencional”.

No entanto, não podemos considerá-los como um grupo profissional homogêneo, seja porque não há uma organização institucional e legal que se imponha sobre eles, seja porque o próprio conteúdo do profissionalismo é objeto de lutas cognitivas que se ligam diretamente as relações com as elites políticas locais.

Esse discurso de uma busca de separação entre uma prática política convencional e uma profissional está mais presente notadamente, entre aqueles que estão ligados, de uma forma ou de outra, com a formação superior em jornalismo e que se encontram em um jornal considerado o mais moderno da cidade, bem como o mais simpático aos líderes políticos locais do momento, o Jornal De Fato.

Para Bonelli (2006: p. 13) o profissionalismo é um “campo com contornos mutáveis em decorrência das diferentes visões sobre isenção e compromisso político, sobre ética e

²³ Para Abreu (2003) o profissionalismo no jornalismo brasileiro se caracterizou como uma prática política contra o regime militar no Brasil nos anos 1970 e 1980 como mostramos acima.

responsabilidade profissional”. A autora critica a noção de que os grupos profissionais seriam completamente coesos, mostra que devemos atentar para o fato de que há lutas cognitivas internas ao grupo que podem dar sentidos diferentes ao fazer profissional.

Segundo ela, há conflitos internos a partir da identificação externa e da auto-identificação dos diversos subgrupos que compõe um “todo”. Nos grupos profissionais há elementos de coesão, mas também há conflitos, sobretudo acerca da forma como as atividades são significadas e simbolizadas. Procuramos mostrar isso através da significação dada pelos jornalistas mossoroenses à sua prática profissional.

5. Imprensa e política em Mossoró

Para o nosso estudo três pontos são importantes dessa breve análise sobre a história política do município: a importância dada pela família Rosado ao uso de instituições de cunho “cultural” como estratégia de consolidação de domínio político; o processo de “ruptura” que ocorre entre as lideranças políticas da família no fim dos anos 1980; e a idéia de ressignificação do poder local associada à noção de ideologia do profissionalismo, que aparece nos discursos dos jornalistas locais quando se referem a sua prática profissional.

Essa estratégia de uso de instituições “culturais” levou a família a investir em meios de comunicação, inicialmente no rádio e depois em jornais diários. O processo de “ruptura” levou cada ala a ter um jornal mais “simpático” às suas posições, o que possibilitou uma polarização política do jornalismo local; e o discurso do profissionalismo, aliado ao processo de crescimento e modernização da imprensa do município, aparece como uma nova forma de encarar a prática jornalística em Mossoró, no entanto, a interpretação disso está associada à posição na qual os indivíduos se encontram no jornalismo da cidade.

As atividades da imprensa estão presentes em Mossoró/RN há mais de cem anos. O primeiro jornal da cidade foi O Mossoroense, fundado em 1872 e que existe ainda hoje²⁴. Por muito tempo, esse foi o único jornal de maior importância, outros jornais surgiram, mas duraram pouco tempo e tiveram caráter mais restrito, voltados para comerciários, estudantes, membros de partidos, circulando em sua maioria de forma irregular (GERSON:2006).

Assim como no resto do país, o jornalismo mossoroense se desenvolveu mantendo relações mais diretas entre a política e a literatura. Como afirma Gerson (2006), a literatura de

²⁴ O jornal não funcionou ininterruptamente, os períodos em que esteve em funcionamento foram: 1872 – 1876, 1902 – 1934, 1946 – 1963, 1970 – 1984, desde 1985 não há mais interrupções. (AUGUSTO: 1998)

Mossoró começa a ser sistematizada em O Mossoroense no fim do século XIX. A relação com a política, a qual daremos mais destaque no presente estudo, se dá claramente a partir do surgimento também desse jornal.

O Mossoroense surge como um veículo de combate aos conservadores que dominavam a política local no fim do século XIX. Era “político, panfletário, polêmico, desafiador e inquietante. A bandeira defendida – o ideário liberal²⁵ – sobrepunha em importância a tiragem e a qualidade gráfica.” (AUGUSTO: 2000).

Esse jornal é fortemente marcado pela presença das famílias Escóssia e Rosado em seu comando, dos 18 diretores que o jornal teve em sua história, sete tinham o sobrenome Escóssia ou Rosado (NASCIMENTO: 2006). O posicionamento político do jornal é bem claro²⁶.

“(O) Mossoroense tem um perfil político e nunca quis esconder isso de ninguém. (...) Ele é um grupo e o grupo sempre utilizou o jornal, usou abertamente e não camuflou nunca esse uso, eu inclusive estive lá dentro e sempre foi muito claro isso, sempre.” (Chagas²⁷).

Outros jornais, como O Comércio (1904-1917), O Nordeste (1916-1934) e Diário de Mossoró (1961-1963) são citados como exemplos onde o jornalismo era um meio de influência política e artística mais do que um lugar para uma carreira profissional (GERSON: 2006).

Em 1977, num período de crise no O Mossoroense, surge a Gazeta do Oeste que desde então se transforma no principal jornal da cidade. Foi criado a partir do desenvolvimento de uma assessoria técnica e de planejamento para prefeituras do interior do Rio Grande do Norte. O dono, e

²⁵ “Em Mossoró o acirramento entre liberais e conservadores destoava da ‘relativa calma’ na política nacional. A eleição de 7 de setembro de 1872 foi o estopim da guerra que fez surgir, em 17 de outubro seguinte, o jornal O Mossoroense. O pleito era para escolha de vereadores e juizes de paz. Após a votação, o padre Antonio Joaquim Rodrigues, líder dos conservadores, levou as urnas para serem apuradas no interior da igreja. Capangas armados de porrete e punhal posicionados nas portas do templo impediram a entrada de adversários.” (AUGUSTO: 2000, p. 146)

²⁶ Utilizando dados mais recentes, Nascimento (2006) mostra a tomada de posição do jornal, em sua editoria de política nas eleições municipais de 2004 em favor de uma candidata da família.

²⁷ Substituímos os nomes verdadeiros dos entrevistados por nomes fictícios. Ver quadro com o perfil dos entrevistados mais adiante.

principal nome da imprensa mossoroense nos anos seguintes, Canindé Queiroz²⁸, vinha de uma carreira acadêmica e na política local.

As ligações entre política e jornalismo na Gazeta também são marcantes, o jornal, que desde seu surgimento se tornou o mais influente na cidade,²⁹ manteve ligações políticas com governos estaduais e municipais. Investindo em notícias locais e sem concorrência, o jornal passou a ser a principal fonte de publicidade do governo estadual de Tarcísio Maia nos anos 1980 em Mossoró (GERSON: 2007).

Esse período marca a ascensão do jornal, devido a boa relação de Canindé Queiroz com os assessores de imprensa Paulo Tarcísio Cavalcante, João Batista Machado, dentre outros. Uma das coisas que também possibilitaram o crescimento do periódico foi a falta de burocracia para a publicidade governamental. “Eles nos mandavam publicar e nós íamos publicando. Houve também o fato de Tarcísio Maia realizar muitas obras no Oeste, principalmente as estradas asfaltadas. Ele tinha muitas obras para mostrar e o jornal para mostra isso era a GAZETA DO OESTE. A brecha do fechamento de O Mossoroense também nos possibilitou que fôssemos um jornal diário. Éramos nós” diz... (Maria Emília, esposa de Canindé Queiroz, atual administradora do jornal³⁰). (GERSON: 2007)

A análise da história da Gazeta do Oeste é importante para os nossos objetivos por este ter sido o principal jornal de Mossoró nos anos 1980 e 1990. É apontado como uma “escola” para a maioria dos jornalistas que hoje trabalham na imprensa escrita mossoroense (GERSON: 2007).

Dos 17 entrevistados nessa pesquisa, seis trabalharam ou trabalham na Gazeta e dois foram ou são colunistas. Sendo assim, boa parte do que eles contam como o que acontecia na

²⁸ Nessa época Canindé Queiroz havia sido candidato a vice-prefeito (depois seria candidato à prefeito) e tinha sido vice-reitor da então FURRN – Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte, hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Foi nomeado presidente da FURRN por Dix-huit Rosado logo depois entrando em conflito com o mesmo.

²⁹ Segundo Gerson (2006) o jornal detém 63% do mercado em Mossoró. Desde que surgiu só passou a enfrentar uma maior concorrência a partir dos anos 2000 com o surgimento do Jornal De Fato e depois de um período de crise no fim dos anos 1990 (GERSON: 2007). Até o início dos anos 2000 a concorrência ocorreu apenas com O Mossoroense que durante alguns períodos ficou fora de circulação, o jornal também é conhecido por sua forte inserção popular.

³⁰ Por condições de saúde Canindé Queiroz esta afastado da direção do jornal, escreveu sua coluna até 2003.

imprensa local nos últimos 10 ou 15 anos se refere basicamente a esse jornal e ao Mossoroense.

Para um dos entrevistados, Canindé poderia ser considerado um coronel da imprensa.

“Olhe, uma coisa que o livro da Gazeta omitiu³¹, dizendo que o jornal surgiu porque Canindé viu que a gráfica ficava ociosa, não sei o que? E foi um jornal pra defender Mossoró, isso é conversa. A verdadeira história da Gazeta do Oeste é que ela nasceu porque Canindé tinha rompido com os Rosado. Ele tinha sido eleito com Dix – Huit³², rompeu com Dix-huit, depois rompeu com Vigh³³ e teve a crise da universidade³⁴, e a universidade ficou com o comando dos Rosado, aí Canindé botou um jornal que... era exatamente as grandes críticas da Gazeta do Oeste na primeira fase foram dirigidas à universidade. Porque? Porque era um compartimento político dos Rosado, digo de mando dos Rosado, a história do livro omitiu isso. Não sei se deliberadamente, embora o livro tenha sido corretíssimo nos depoimentos que publicou, não cortou nada, pelo menos do meu... expôs algumas feridas do jornal, fortes, agora que a intenção primeira foi não manter a gráfica ociosa não foi não. A intenção primeira foi ter um veículo para combater o grupo Rosado, e fez isso por algum tempo, mas sempre se alternou, uma hora brigou, outra hora se aliou, com Dix Huit foi assim, Canindé foi vice de Dix Huit e não assumiu um só dia. Dix Huit não deixou ele nunca assumir, depois quando Dix Huit tornou-se prefeito na segunda vez houve uma aproximação, na terceira foi muito mais forte. Canindé ditava as coisas na prefeitura, aliás eu vou aqui revelar uma coisa que eu nunca tinha dito nem mesmo ao pessoal da Gazeta. Se Canindé tivesse bem de saúde, a minha monografia de conclusão de jornalismo teria sido ele, eu já tinha o título, O coronel da imprensa do oeste, ele foi um coronel da imprensa. Todas as pessoas, todas as autoridades se curvaram de forma maior ou menor a Canindé”.(Bernardo)

Ainda segundo Bernardo, as relações da Gazeta com o governo estadual nos anos 1980 foram imprescindíveis para a manutenção financeira do jornal que apoiou os governos exercidos pela família Maia no RN.

³¹ Livro lançado em abril de 2007 em comemoração aos 30 anos do jornal, *Gazeta do Oeste, 30 anos sem meias palavras, nem meias verdades*. Organizado por Mário Gerson

³² Dix Huit Rosado prefeito de Mossoró de 1973 – 1977 1982 – 1987 e 1992 – 1996.

³³ Vigh Rosado vereador (1948 – 1950, 1950 – 1953), Prefeito (1953 – 1958), Deputado Estadual (1959 – 1963), Deputado Federal (1963 – 1967, 1967 – 1971, 1971 – 1975, 1975 – 1979, 1979 – 1983, 1983 – 1987, 1987 – 1991) (FILGUEIRA: 2001)

³⁴ Sobre a relação entre a universidade (FURRN e depois UERN) com os Rosado ver Filgueira (2001)

“Canindé deve ter sido, deve não, com certeza a Gazeta do Oeste foi o veículo mais beneficiado com os cofres do estado nos governos Maia, nos três: Tarcísio, quatro anos, em seguida Lavoisier³⁵ quatro e em seguida José Agripino³⁶ mais quatro.”

“(...) para você ter uma idéia, a Gazeta do Oeste publicava matérias institucionais e as matérias consideradas legais que são os editais, publicava aviso da COSERN (Companhia Energética do Rio Grande do Norte), que era do governo do estado, de interrupção de energia em ruas de Natal para fazer manutenção... o jornal era de Mossoró e de alguns poucos municípios (não circulava em Natal) mas se quem tiver a curiosidade de pegar um jornal da época dos Maia vai verificar, não digo com certeza se de Tarcísio ou de Lavoisier, mas foi um dos Maia. Porque uma interrupção de energia elétrica numa rua da capital publicado num jornal do interior né?” (Bernardo).

A opinião expressa no jornal era a de Canindé Queiroz, segundo depoimentos de editores que passaram pelo jornal publicados no livro *Gazeta do Oeste, 30 anos sem meias palavras, nem meias verdades*, existia uma espécie de pluralismo nas páginas do jornal, mas a opinião do mesmo era materializada na coluna de Canindé *“Penso logo...”*.

“Canindé sempre foi muito intempestivo, se ele não gostasse da matéria que saiu ele tinha dois caminhos, aliás, ele sempre usou mais um: ele demitia o editor ou repórter pela coluna dele. Pela coluna, já fez muitas demissões de editores pela coluna, como? A coluna dele era a última matéria a ser composta no jornal, fechava e só uma pessoa tinha acesso que era o digitador, só ele e o digitador tinham acesso ao que ia sair na coluna, e essa coluna muitas vezes ele começa a fazer às 10 horas da noite, começava a fazer às 10 horas da noite e claro que o editor já tinha ido embora né. O jornal tava fechado só faltava a coluna dele pra rodar aí ele escrevia... aí ele dizia assim ‘a gazeta do oeste agradece o bom desempenho que teve (fulano de tal) nesse jornal, hoje assume a editoria (fulano de tal)’. Bom, ele demitia assim.... Olhe teve um dia,(...) que ele demitiu dois ou três editores, o editor geral e mais dois e ficou sem ninguém. (Bernardo)

³⁵ Ex – governador do RN nos anos 1980.

³⁶ Ex – governador do RN nos anos 1990.

O nome da Gazeta do Oeste está diretamente ligado ao nome de Canindé, o nome dele tornou-se mais forte que o jornal. Isso é perceptível pelas tentativas de mudar esse equilíbrio, dando mais visibilidade ao jornal do que a ele, tal processo teria provocado conflitos dentro da Gazeta e aparentemente foi o que se tentou fazer desde que Canindé se afastou da direção do jornal nos últimos anos.

Percebe-se nos depoimentos dados no livro, que há uma tentativa de reforçar cada vez mais a marca Gazeta do Oeste e a vinculação com o nome Canindé Queiroz ficar como uma legitimação das atitudes do jornal baseadas na sua tradição, na tradição do comportamento político ativo de seu fundador.

É dentro da Gazeta nos anos 1990 que ocorre um movimento importante para se pensar as mudanças pelas quais passa a imprensa mossoroense. Houve uma tentativa de mudança no perfil do jornal, no sentido de dar maior peso a marca Gazeta do Oeste do que a figura de Canindé.

“Na Gazeta tinha um limite, a direção tinha uma mentalidade de que uma coluna era mais importante que uma reportagem, isso é um equívoco enorme, uma coluna é uma extensão de uma edição, ela não pode vir primeiro, (...) Esse modelo a gente queria aplicar, mas houve, havia resistência, por uma questão de linha editorial...” (Fernando)

Esse novo perfil seria pensar o jornal de forma mais empresarial, como um produto a ser vendido em um mercado, uma tentativa de construção de um novo modelo de gestão. A partir desse momento há a tentativa de uma maior organização no processo de produção editorial e a criação do departamento comercial que até então não existia, a idéia era um maior peso da administração na produção do jornal, um processo de padronização.

Essa nova forma de produção editorial ganha fôlego a partir dos anos 2000 quando surgem o Jornal De Fato e o Jornal de Mossoró que em 2006 se transforma no Correio da Tarde. Ambos nascem em um momento de redefinições na imprensa local, com a crise financeira

enfrentada pela Gazeta do Oeste (GERSON: 2007). Esse período de crise econômica da Gazeta também teve razões políticas, segundo Leônidas Terceiro³⁷,

Em 96, surge a primeira crise. Canindé tem o “desafio” com a prefeita Rosalba Ciarlini e então surge a divergência política³⁸. Então, na sua coluna, Penso, Logo... algumas notas mais “pesadas” são escritas. A partir daí, Carlos Augusto (esposo de Rosalba) desafia Canindé e quer, ao mesmo tempo, fechar o jornal. As pessoas que forneciam à Prefeitura Municipal de Mossoró eram proibidas de anunciar na GAZETA. Essa foi uma tática que ele (Carlos Augusto) usou para calar o jornal, pensando que iríamos nos curvar diante do poder econômico. Esse período nos impulsionou para expandirmos a publicação para o interior do estado. Tínhamos perdido totalmente qualquer anúncio oficial da Prefeitura. Ela também não mantinha vínculos com O Mossoroense, que era seu adversário político à época (GERSON: 2007).

Mas mesmo assim o investimento em publicidade não teria cessado por completo,

“A prefeitura deixou de anunciar, mas como o jornal tem uma marca muito forte, a prefeitura acabou indo para a Gazeta do Oeste, mas como? Através de uma agência de publicidade que era pertencente (ao) editor do jornal (na época), pra você ver como a coisa editorialmente funciona. Aí era o raciocínio do grupo... ‘Nós não estamos repassando dinheiro diretamente a Canindé’. Ora que besteira, eu tenho uma conta publicitária, eu elejo os veículos, a decisão dos veículos é minha. E de qualquer forma eu to pagando o veículo. Agora porque o dinheiro não vai chegar direto.... mesmo que eu não seja desafeto do veículo, qualquer agência que eu contratar vai ser assim, o repasse, a agência é intermediária pra fazer o pagamento, mas o dinheiro sai do meu bolso.” (Bernardo)

Esse período caracterizado como de crise da Gazeta coincide com o período em que o jornal não manteve boas relações pelo menos com a prefeitura municipal. Outra crise ocorre no início dos anos 2000, concomitantemente ao surgimento do Jornal De Fato. Ainda segundo o

³⁷ Depoimento publicado em Gerson (2007), p. 134.

³⁸ Há um rompimento entre Canindé Queiroz e a então candidata a prefeita Rosalba Ciarlini, o jornal faz ampla cobertura negativa sobre ela durante a campanha.

depoimento de Leônidas Terceiro, havia “interesses de políticos infiltrados dentro da publicação” (GERSON: 2007, p. 134).

À época, existiam pessoas que não estavam a serviço da empresa, mas de políticos. Nós conseguimos “expurgar” essas pessoas. Existia, não explicitamente, um complô para tomar o jornal. Tínhamos duas concorrências: uma interna e outra externa. (GERSON: 2007, p. 134).

É interessante notar que nesse período “há uma necessidade de se profissionalizar” (GERSON: 2007 p. 123), de atender demandas do mercado, de ver o jornal como um produto. Podemos pensar que aqui o profissionalismo é encarado como uma saída para a sobrevivência do jornal que já não conta com tanto apoio financeiro vindo do Estado e passa a enfrentar concorrência. A saída é então buscar um mercado consumidor que permita sua sobrevivência financeira e política e a idéia de profissionalismo, que leva à imagem de independência em relação aos grupos políticos dominantes locais, favorece essa estratégia.

O jornal investe numa maior circulação em outros municípios dando mais ênfase às notícias locais dos mesmos. Moderniza-se, adota cores, cria projetos que divulgam sua marca e pretendem “criar públicos” como o *Gazeta Cidadã e o Ler Para Saber Mais*. O mercado entra em cena como uma alternativa às relações empresarias com o poder público.

Nesse momento de crise da Gazeta do Oeste e em que o governo municipal não contava com jornais simpáticos à sua política, já que Gazeta e O Mossoroense aparecem como opositores ligados ao grupo de Laíre e Sandra Rosado surge o jornal De Fato. Este por sua vez, aparece com uma nova proposta de jornalismo, seu nome e slogan são sintomáticos: *Jornal De Fato – jornalismo de verdade*. Passa a idéia de que não havia, e talvez continue a não existir, um jornalismo de verdade na cidade.

A sua diferença em relação aos outros jornais locais seria uma clara separação entre as matérias informativas e as opinativas³⁹ (GERSON: 2007). E uma busca por não praticar um jornalismo sensacionalista e sim um jornalismo mais “elitizado”, que procure o leitor diário e não o flutuante.

“nós temos que fazer jornal pro leitor diário não pro leitor flutuante, não pra aquele que compra um exemplar no dia que tem uma morte, um acidente trágico, uma morte bárbara... tanto é que todos anos, quando encerra o ano, eu faço um levantamento pra ver nossas manchetes, ver a nossa linha. Em 2005, pra você ter idéia nós demos apenas uma reportagem de suicídio. Os outros, teve jornal que deu 12 reportagens, 13 reportagens, demos uma, uma porque era uma personalidade, uma pessoa conhecida, por quê? Existe um estudo que mostra que um suicídio, quando ele é propagado, ele incentiva uma pessoa que esta predisposta a esse ato trágico né... e um veículo de comunicação não pode incentivar isso... e outro detalhe, o leitor não está, não está querendo saber se uma pessoa que mora numa favela pegou uma corda e colocou no pescoço e suicidou-se. Hoje o leitor diário está seletivo, e muito exigente, o leitor diário quer saber como está a economia, como é que está a política, como é que está a saúde, comportamento, educação e também polícia. Então nós fizemos um caminho inverso, os outros jornais acham que o leitor quer saber se alguém morreu, se alguém tá pra morrer, nós procuramos, nós partimos do princípio de que o leitor é formador de opinião, se ele é formador de opinião, ele tem pelo menos um nível mínimo de cultura e é por aí que a gente faz o jornal.”
(Fernando)

O Jornal de Mossoró surge circulando semanalmente em 1999, nos anos 2000 passa ao controle de Walter Fonseca, ex-reitor da UERN e ex-candidato a vice-prefeito da cidade⁴⁰. Em 2006 o jornal transforma-se no Correio da Tarde, jornal vespertino que conta com duas redações, uma em Mossoró e outra na capital, Natal/RN, circula nessas duas cidades tendo a ambição de tornar-se um jornal estadual.

³⁹ Características do jornalismo americano, conforme Melo (2006).

⁴⁰ Candidatou-se nas eleições de 2004.

O crescimento, modernização e a concorrência, que se acentua a partir dos anos 2000, são alguns dos fatores que teriam impulsionado um processo de *profissionalização* da prática jornalística local. A partir de então, a forma de se fazer jornalismo mudou, passando a ter um maior uso da informática e a exigência de um maior nível de escolaridade para exercer a profissão. Nesse período surgem cursos que visam melhorar a prática jornalística, notadamente o curso de comunicação social da UERN.

“Nos anos 2000 os jornais [locais] evoluíram mais do que em 20 anos” (Fábio)

Para este jornalista, as transformações foram impulsionadas principalmente pelas mudanças tecnológicas. O avanço tecnológico é apontado por ele como um dos motivos do crescimento do mercado da imprensa local, isso teria barateado o custo, o que facilitaria o aparecimento de órgãos de comunicação.

No entanto, uma das principais questões que este trabalho teve de lidar foi com a quantidade de jornais diários produzidos na cidade, são quatro: Gazeta do Oeste, Jornal De fato, O Mossoroense e Correio da Tarde. Número pouco maior de jornais tem a capital do estado, em Natal são cinco⁴¹.

Nas entrevistas, quando perguntados sobre a razão de quatro jornais diários na cidade, os próprios jornalistas reconhecem que não há uma viabilidade econômica para tanto, não haveria mercado (de leitores) suficiente. Os jornais sobreviveriam

“Pagando mal e atrasado. Se atrelando a governo, seja municipal ou estadual, se atrelando individualmente a políticos ou através de seus proprietários, dos seus editores.”(Bernardo)

⁴¹ Natal tem mais que o dobro da população de Mossoró e concentra os principais órgãos públicos e tem uma economia mais forte e diversificada que a mossoroense.

“Eu conheço, estou no meio há vinte anos, é muito difícil pra manter. É aquela coisa, contando moedinha de fim de mês pra pagar a folha, cortando custos, as vezes limitando até mesmo a estrutura de funcionamento das redações. Disciplinando o uso do telefone, o uso do carro, disciplinando o uso da energia... pra você manter no final pelo menos equilibrado. Que ganhar dinheiro eu não acredito que ninguém ganhe com jornal não, o máximo que se consegue é equilibrar.” (Chagas)

Haveria uma dificuldade imposta pelo mercado consumidor, ele não seria forte o suficiente para proporcionar sustentação econômica e conseqüentemente, segundo eles, uma independência editorial para os jornais. As pressões políticas viriam da dependência econômica das empresas.

“A cidade é pequena e não tem mercado, é mais porque... hoje se comparado, vamos começar com o plano internacional, cidades européias em que você chega a ter 70 a 80% de pessoas que costumam ler jornal, você chega em Mossoró quando você faz pesquisa isso aí chega a no máximo 10, 12, 15% de pessoas que têm o costume de ler jornal.(...) é um mercado difícil, difícil porque você não tem um número de assinantes suficiente pra bancar a independência que o jornal precisaria ter. Qual é a independência? A independência financeira de você não ter que de repente depender da publicidade institucional de prefeitura, de governo do estado, de câmara municipal, e os jornais vão ficando dependentes disso, se hoje chegar o governo e a prefeitura municipal cortar a publicidade iria deixar os jornais em extrema dificuldade. Isso não quer dizer que os jornais vendam suas linhas editoriais, mas há uma dependência, há uma dependência porque esses anunciantes são os maiores anunciantes e praticamente é quem ajuda a fechar a folha, se eles não existissem os jornais teriam enorme dificuldade.” (Chagas)

Segundo os entrevistados esse crescimento está associado a três fatores: o primeiro relacionado ao barateamento da tecnologia necessária para a criação de um jornal diário; o segundo seria o uso político disso, com grupos políticos locais investindo na imprensa para aumentar e

melhorar sua visibilidade pública; o terceiro, e talvez ainda pouco expressivo, seria o crescimento econômico local que impulsionou o investimento em publicidade no setor⁴².

Durante as entrevistas ficou claro que os jornalistas locais percebem uma segmentação política referente aos jornais, cada um teria uma posição política clara, atrelado a um grupo político local.

“Cada um tem seu interesse, O Mossoroense existe pra sustentar a imagem do grupo que é uma banda dos Rosado. Walter Fonseca entrou pra política, sempre foi o sonho dele, entrou na política e comprou um jornal. Eu não posso garantir, mas as más línguas nas esquinas dizem que o jornal De Fato têm a participação do grupo da senadora Rosalba, eu não posso afirmar, nem posso desmentir. Agora que o jornal é simpático abertamente ao grupo da senadora ai isso é verdade. Agora essa simpatia não me dá a certeza da ligação empresarial como se comenta nas ruas da cidade. Agora sei que o marido da prefeita, o ex-deputado Carlos Augusto sonhou em ter um jornal.”(Bernardo)

O Mossoroense é identificado com o grupo político da atual Deputada Federal Sandra Rosado, o Correio da Tarde com Walter Fonseca – ex-reitor da UERN e ex-candidato à vice-prefeito. O grupo de Rosalba Ciarlini, atualmente senadora pelo DEM, e que comanda a prefeitura local seria “apoiado” pelo Jornal De Fato e finalmente a Gazeta do Oeste que não tem uma ligação clara com um político específico mas que, assim como os outros jornais, por depender economicamente do poder público teria sua independência editorial prejudicada.

“hoje a Gazeta do Oeste não esta tão ligada a estrutura oficial do poder mas não é um jornal que critica a prefeitura. Você já viu alguma crítica a prefeitura?, Alguma matéria contra a prefeitura? Olhe, veja bem, um dia desses um carro da prefeitura, um carro coletor de lixo atropelou no lixão uma mulher. Todos os jornais, inclusive o jornal De Fato que os leitores dizem ser simpático da prefeita, do grupo da senadora Rosalba, deu a matéria, citou lá tudo direitinho. O Gazeta

⁴² Não dispomos de dados sobre a relação do crescimento econômico da cidade nos últimos anos e o investimento em publicidade no jornalismo local, a relação entre esses dois fatores é colocada pelos entrevistados como clara, mas não há nenhuma pesquisa que certifique essa relação direta.

do Oeste deu uma foto grande na primeira página, pegando a roda, o pneu, que passou por cima da mulher, o corpo já coberto. O jornal dizia tudo, menos qual tinha sido o veículo que teria atropelado, o que não teria sido nada demais dizer que foi um carro da prefeitura, até porque na hora o motorista tentou prestar socorro, mas não conseguiu, ficou abalado emocionalmente. Os outros jornais deram a versão, dizendo qual era o carro, dizendo qual era a placa do carro e o Gazeta do Oeste não deu, como se a cidade não soubesse porque o rádio tinha dado na mesma hora.” (Bernardo)

Para ilustrar essas ligações políticas dos jornais locais com os grupos políticos mostramos a seguir exemplos das coberturas eleitorais feitas pelos jornais O Mossoroense e De Fato durante o período de campanha eleitoral para prefeito municipal em 2004. Esses jornais polarizaram a campanha mais claramente do que a Gazeta do Oeste nesse período.

Para ilustrar esse posicionamento de O Mossoroense mostramos abaixo um exemplo de matéria veiculada pelo jornal em sua editoria de Política em julho de 2004, período de campanha para o executivo municipal.

Coligação Mossoró melhor faz maior convenção no município

A coligação Mossoró Melhor venceu a disputa entre as coligações que vão disputar a prefeitura deste ano. A chapa encabeçada pela deputada estadual Larissa Rosado (PMDB), que tem o vereador Vicente Rego (PDT), como candidato a vice-prefeito, levou cerca de cinco mil pessoas ao pavilhão de eventos do Coelhão, na Avenida Presidente Dutra, na maior movimentação do dia passado.

A mobilização ganhou em número de pessoas e de empolgação. Os nove partidos que apóiam a coligação Mossoró Melhor fizeram uma grande festa, que contou com a presença de várias lideranças estaduais e locais.

Alguns momentos da convenção foram marcados. (sic) Um desses momentos foi quando o filho do candidato Vicente Rego, Ênio Rego, participou do evento. Emocionado, Ênio escreveu uma carta em nome da sua família e falando em nome do pai.

“O meu desejo e o desejo de toda minha família é o de que o povo de Mossoró saiba que Vicente Rego é um homem honrado, que cumpre seus compromissos e que resolveu apoiar a candidatura de Larissa porque sabe que ela é o melhor para Mossoró”, dizia o texto. “O meu pai, tenho certeza, vai estar conosco para dizer pessoalmente que quer ver Mossoró crescer e que isso só é possível com gente comprometida, como Larissa, os nossos vereadores, o povo generoso desta cidade”, comentou.

A convenção foi marcada também por uma grande festa cívica. Falaram todos os dirigentes dos partidos que fazem parte da coligação Mossoró Melhor. O empresário Rútilo Coelho disse que ao contrário do que estava prometendo a outra chapa, de que “daria uma surra de saias”⁴³, do lado da coligação do PMDB e PDT não se falava em agressão. “Se existir uma surra será uma surra de idéias”, disse.

A banda Taba, que estava animando a convenção, teve um problema com o fornecimento de energia de seu equipamento. Mesmo assim, o povo que estava presente na convenção segurou só na batucada das charangas e na regência do cantor Ewerton Linhares. “Foi lindo, até quando há um probleminha desses, acaba dando tudo certo”, comemorou o ex-deputado Laíre Rosado, presidente do diretório municipal do PMDB.

A deputada federal Sandra Rosado (PMDB) protagonizou outro momento importante da convenção. Em seu discurso destacou a traição de antigos militantes do PMDB⁴⁴, que se projetaram pela sigla e depois se venderam por “um prato de lentilhas”. Sandra também fez duras críticas à administração municipal, que ela considera dissociada dos interesses da população.

A convenção começou às 15h e se estendeu até às 20h. Durante todo o período de realização o pavilhão ficou lotado. A Coligação Mossoró Melhor foi a primeira a iniciar os seus trabalhos e a última a concluí-los. Para Laíre Rosado isso mostrou que a militância está motivada e irá para a campanha deste ano com toda a garra para vencer o pleito. (O Mossoroense, Política 01 de jul. de 2004)

Essa matéria, não assinada, veiculada no caderno Política, um espaço do jornal mais informativo do que opinativo em tese⁴⁵, é fortemente marcada por adjetivos positivos em relação à então candidata Larissa Rosado (PMDB), pertencente a uma das alas da família. Por outro lado, o mesmo jornal, no mesmo espaço, veicula essa matéria sobre a adversária na corrida eleitoral de Larissa, Fátima Rosado (DEM)⁴⁶.

⁴³ Referência a outra chapa que concorria à prefeitura local composta por duas mulheres: Fátima Rosado e Cláudia Regina (DEM), apoiadas pela então prefeita Rosalba Ciarlini Rosado (DEM).

⁴⁴ Uma crítica à candidata, hoje prefeita Fátima Rosado (DEM) que nas eleições municipais de 2000 concorreu ao cargo de prefeita pelo PMDB apoiada pelo casal Sandra e Laíre Rosado.

⁴⁵ Melo (2003) considera que podemos separar dois estilos de jornalismo: um opinativo e um descritivo/informativo. Essa distinção, para ele corresponde a um artifício profissional e um político. Profissional no sentido de definição do espaço de atuação do jornalista que vai do dever de informar, registrar fatos, situações, etc., ao de opinar, tomar partido poder esse concedido ou não pela empresa que o emprega. Político, pois os meios de comunicação de massa em geral têm potencialmente uma forte influência sobre os receptores das informações.

⁴⁶ DEM, antigo PFL.

Força do povo homologa, sem empolgação, chapa “puro sangue”⁴⁷

Depois de seguidos desentendimentos, a coligação “Força do Povo” apresentou na tarde de ontem a chapa “puro sangue”, com as candidaturas da enfermeira Fátima Rosado (PFL) para prefeito e da advogada Cláudia Regina (PFL) para vice-prefeito. A escolha dos nomes foi resultado de um impasse entre as duas candidatas, que até então concorriam à condição de cabeça de chapa da coligação.

A convenção da coligação “Força do Povo”, realizada na quadra de esportes do colégio Pequeno Príncipe, não obteve o resultado esperado pelos organizadores. Apesar do considerável número de militantes, transportados em carros da prefeitura, o clima não foi de empolgação.

Durante o discurso das lideranças os participantes mostraram-se cansados e dispersos. O resultado foi uma grande concentração na parte externa, enquanto que o centro do ginásio estava praticamente vazio, ocupado por alguns poucos portadores de bandeiras dos candidatos a vereador.

Estiveram presentes ao lançamento da candidatura de Fafá Rosado, que em 2000 disputou a eleição pela Unidade Popular, coligação do PMDB, cujo rompimento aconteceu em 2002, a prefeita Rosalba Ciarlini (PFL), do ex-deputado Carlos Augusto Rosado (PFL), o deputado federal Betinho Rosado (PFL), o senador José Agripino (PFL) e o deputado federal e candidato a prefeito de Natal Ney Lopes (PFL). O senador Fernando Bezerra (PTB), que até então tinha presença confirmada, não compareceu.

A campanha da Força do Povo tem como base de apoio, além do PFL, o PPS, PMN, PTB, PSL, PHS, PCB, PRP e PTR, que não tem representatividade na chapa majoritária, formada apenas pelo PFL⁴⁸. (O Mossoroense, Política 01 de jul. de 2004)

Nessa segunda matéria percebemos que o jornal polarizou a campanha apoiando uma candidata em detrimento de outra em textos não assinados publicados num espaço a princípio mais informativo que opinativo.

O Jornal De Fato usou artifício semelhante.

Suspeita

PF investiga envolvimento de Larissa em calúnia contra Fafá

Polícia instaura inquérito para apurar participação da candidata em panfleto que vincula pefelista a denúncias do SUS

O juiz da 33 Zona Eleitoral, Fábio Wellington Ataíde Alves, determinou ontem à Polícia Federal a apreensão de panfletos apócrifos distribuídos em Mossoró que tentam vincular a imagem da candidata a

⁴⁷ O termo “puro sangue” foi utilizado para mostrar que a chapa era encabeçada por candidatas do mesmo partido, na época o PFL.

⁴⁸ Ironia da matéria em relação ao fato da coligação Força do Povo não ter na chapa majoritária a presença de outro partido que não o PFL, já que na coligação Mossoró Melhor havia o PMDB e o PDT.

prefeito Fafá Rosado (Força do Povo) a denúncias de corrupção no Sistema único de Saúde (SUS). Também recomendou a instauração de inquérito pela PF para apuração do caso.

Os panfletos, com reprodução de matérias jornalísticas sobre supostas irregularidades no SUS, começaram a ser distribuídos na manhã de ontem. O juiz Fábio Ataíde, acatando representação da assessoria jurídica da coligação Força do Povo, identificou a intenção do material de caluniar, injuriar e difamar a candidata Fafá Rosado.

“Independentemente da busca a apreensão, tal panfleto poderá ser apreendido pela Polícia Federal em mão de quem o distribua, efetivada prisão em flagrante, por cometer crime de que, sabendo falsa imputação, propala ou divulga calúnia”, diz o magistrado, na sua sentença.

Os panfletos exploram reportagens recentemente publicadas no jornal O Mossoroense, de propriedade dos pais da candidata a prefeito Larissa Rosado (coligação Mossoró Melhor). A Polícia Federal investiga a possibilidade de envolvimento da candidata do PMDB com a distribuição do material.

A Polícia Federal considera a hipótese de os panfletos terem sido impressos na gráfica d'O Mossoroense e distribuídos por pessoas ligadas a Larissa Rosado, que tem Fafá Rosado como sua principal adversária na disputa da Prefeitura, conforme pesquisas de intenção de voto.

A intenção seria vincular a imagem da candidata da Força do Povo às denúncias de corrupção no SUS e, assim, enfraquecer sua candidatura na reta final da campanha e propiciar o avanço de Larissa Rosado, que aparece em segundo lugar na corrida sucessória deste ano.

Quem for flagrado distribuindo os folhetos poderá ser indiciado pela Polícia Federal por calúnia, injúria e difamação. “Na situação em apreço, faz-se possível determinar uma busca e apreensão do material indevidamente divulgado”, diz o juiz Fábio Ataíde. (De Fato, Política, 2 de out. de 2004)

Na mesma edição o jornal publicou esta outra matéria, também não assinada.

Campanha limpa e com propostas

A Força do Povo faz uma campanha eleitoral limpa, sem agressões e pautada nos projetos para administrar o município. Em nenhum momento, a coligação da candidata Fafá Rosado manteve, a todo tempo, o alto nível do embate político-eleitoral. (sic)

As agressões dos adversários foram respondidas com a apresentação de propostas sérias para Mossoró seguir no caminho do desenvolvimento. “Por uma simples razão: quem agride, não tem propostas para administrar a cidade,” pregou Fafá Rosado na campanha. A atitude da Força do Povo foi compreendida pela população, aceitando, em larga escala, segundo as pesquisas qualitativas, o nome de Fafá. “Nós optamos pelo debate, ao invés de ficar falando mal dos outros. Preferimos discutir com cada cidadão, o nosso plano de governo, sério e comprometido com o futuro de Mossoró”, reiterou Fafá. (De Fato, Política, 2 de out. de 2004)

Mostramos os exemplos acima para ilustrar como a política local é retratada no jornalismo mossoroense e para destacar que o mesmo é polarizado, sobretudo nesses dois jornais, entre a ala lairista/sandrista e a rosalbista da família Rosado.

A ala ligada a Rosalba Ciarlini e seu marido, o ex deputado federal Carlos Augusto Rosado, não contava nos anos 1990 com o apoio de nenhum jornal diário local. Como mostramos acima, desde o início da década de 1990 houve um rompimento político entre Canindé Queiroz, dono da Gazeta do Oeste com esta ala dos Rosado. A outra ala da família sempre contou, a partir dos anos 1980, com o apoio de O Mossoroense, Laíre e Sandra Rosado são acionistas do jornal.

No início dos anos 2000 surge o De Fato, ligado politicamente ao grupo de Rosalba Ciarlini e durante um período de crise da Gazeta do Oeste, então principal jornal da cidade. Este periódico apostou na imagem do profissionalismo, da isenção e da objetividade como marcas distintivas de seu jornalismo em relação ao então praticado na cidade.

Com isso queremos mostrar que o discurso do profissionalismo e as mudanças que ocorrem na imprensa local não são fruto apenas do surgimento de um mercado consumidor em Mossoró. A força desse mercado é colocada em xeque pelos próprios jornalistas locais. O surgimento de novos jornais – e conseqüentemente de novos postos de trabalho na área – está associado ao rearranjo das forças políticas locais que ocorrem a partir do fim dos anos 1980.

Nesse período há a divisão da família Rosado em dois blocos e o surgimento de Walter Fonseca, dono e colunista do Correio da Tarde, que capitaliza sua passagem como reitor da universidade (UERN), entre 1998 e 2004, para se lançar no mundo político local. Foi candidato a vice-prefeito pelo PV nas eleições de 2004 numa chapa encabeçada por Francisco José, ex-aliado da ala lairista/sandrista dos Rosado, que pregava o fim do domínio político da família na cidade. Walter teve sua campanha fortemente combatida pelo O Mossoroense nesse período.

Com a criação de outros jornais ocorre uma pluralização das fontes de informação na cidade, o que correspondeu a uma mudança no equilíbrio de poder no jornalismo local.

“Só existia a Gazeta, Canindé Queiroz reinava, reinava aqui não é? Canindé Queiroz era... se, por exemplo, a universidade, se não saiu dinheiro da universidade pra pagar a folha de pessoal ele ligava pro governador, exigia o dinheiro da universidade, se tivesse um projeto que precisava da palavra do governador ele resolvia, era um poder grande. Essa coisa mudou muito, fragmentou e ai não se tem mais essa...” (Chagas)

Consideramos que foi justamente essa pluralização do jornalismo local, consequência de um rearranjo das lideranças políticas da cidade, aliado a uma renovação de seu discurso político, um dos fatores que levaram às transformações na imprensa escrita de Mossoró.

Essas razões políticas locais teriam impulsionado o aparecimento de novos jornais, porém uma outra questão se coloca. Já que o crescimento no número de jornais não pode ser avaliado como uma necessidade mercadológica apenas, e sim deve ser visto também à luz das relações políticas locais, então porque há uma mudança no estilo gerencial e também editorial no jornalismo mossoroense? Se os jornais “servem” politicamente a seus grupos como é característico do passado, por que houve esses tipos de mudanças se o objetivo seria o mesmo?

As razões disso, para os entrevistados, viriam de uma preocupação maior com o leitor, a figura do leitor está presente nas falas dos entrevistados como aqueles a quem os jornalistas devem prestar contas. É por causa do leitor que teriam ocorrido as mudanças editoriais.

O leitor é visto ao mesmo tempo como um consumidor, já que o jornal vende um produto, a notícia. É também visto como um cidadão, já que o jornal prestaria um serviço público. Acrescentamos também, dada a percepção das ligações com os grupos políticos locais, que o leitor é também visto como um eleitor em potencial do grupo ao qual está ligado o jornal. O jornalista

aparece como aquele que vai levar informação a esse público, lutando, a partir das especificidades da sua profissão, contra as imposições, sobretudo, da política.

Percebemos, no entanto, que esses discursos estão associados às novas interpretações dadas à política, e ao poder local mais especificamente. Como mostramos acima, há uma ressignificação do poder local, antes ligado ao coronelismo, clientelismo, etc., que passa a estar em sintonia com o discurso da democratização, da participação popular, numa tentativa de transformar a imagem negativa associada à política tradicional. Surge aí o discurso do profissionalismo no jornalismo local, que procura mostrar-se livre, ou no mínimo em busca de autonomia, frente às lideranças políticas locais.

Estas por sua vez também atualizam seu discurso, se considerarmos que os jornais locais estão ligados diretamente às mesmas. Os jornais da cidade aparecem então como um dos elementos utilizados por essas lideranças para modernizarem seus discursos e manterem-se no poder, se atualizando. O que é considerada uma característica comum das oligarquias, sobretudo no nordeste, que apesar das mudanças, conseguem permanecer no poder através da re-invenção constante do seu discurso político e da manutenção de práticas políticas tradicionais como o clientelismo⁴⁹.

⁴⁹ Quando falamos aqui de clientelismo não estamos nos referindo ao clientelismo de massas do qual fala Kerbaux (1992), onde este está associado à relação do governo municipal com grupos profissionais, sindicais, burocráticos, etc., e sim com o clientelismo tradicional ligado às relações mais pessoais entre as lideranças políticas e cabos eleitorais com o povo.

6. Jornalistas no “País de Mossoró”

Uma das principais mudanças que ocorrem no jornalismo mossoroense é na forma de treinamento vocacional. Estaria ocorrendo uma mudança do tipo de treinamento de ofício para o típico treinamento profissional, realizado fora do mercado de trabalho a partir da aquisição de uma base teórica que legitima uma expertise.

Dos 17 entrevistados, 7 tem formação superior em jornalismo. Desses 7, 3 ocupam posições de chefia, como editor chefe, editor executivo e editor geral. Há 4 fazendo o curso de Comunicação Social na UERN, dos quais 2 possuem cargos de direção, um editor chefe e um diretor de redação.

São três os que têm como formação o ensino médio, destes nenhum ocupa cargo de chefia, a não ser um deles que é proprietário e colunista de jornal. Dois possuem formação superior em outras áreas, destes um é empresário do setor de comunicação, colunista e apresentador. Veja abaixo o perfil dos entrevistados.

Entrevistados	Idade Sexo	Local de Origem	Filhos e Est. Civil	Formação	Trajatória Profissional	Familiares: Escolaridade ocupação	Tempo de trabalho	Cargos ocupados	Ocupações fora do jornalismo
Fernando	42 ^a M.	Janduís/RN	1 filho casado	Nível Médio	Passagem por rádios locais, jornal O Mossoroense, Gazeta do Oeste e De Fato	Pai: comerciante e cambista; Mãe: Dona de casa. (ambos sem formação)	22 anos	repórter, várias editorias. Atualmente Empresário/Colunista Jornal De Fato	Agência de publicidade
Fátima	24 ^a F	Catolé do Rocha/PB	Sem filhos; solteira	Jornalismo UFPB	Primeiro Emprego	Pais agricultores (ensino fundamental incompleto)	1 ano e meio	Editora setorial - Jornal De Fato	-
Fabio	32 ^a M.	São Paulo/SP	1 filho; Solteiro	Curso de Letras/UERN incompleto; Cursando Comunicação Social/UERN	Gazeta do Oeste; Jornal De Fato	Pai: torneiro mecânico. Mãe: Costureira (ensino médio)	11 anos	Várias editorias na Gazeta; Atualmente Editor Geral Jornal De Fato	-
Fabírcia	26 ^a F	Mossoró/RN	Sem filhos; solteira	Jornalismo UnP (Universidade Potiguar)	Rádio Poti e TV Natal em Natal; Jornal De Fato	Pai: almoxarife; Mãe: secretária (Ensino médio incompleto)	3 anos	Apresentadora e comentarista de esportes; Atualmente Repórter, Jornal De Fato	-
Francisco	33 ^a M	Natal/RN	2 filhos; casado	Administração/UFRN; Cursa Filosofia/UERN	Diário de Natal; O Mossoroense; Jornal de Hoje (em Natal); Gazeta do Oeste; Jornal De Fato	Pai: militar; Mãe: dona de casa. (ensino médio)	16 anos	Repórter e editor nos jornais que passou, Atualmente Repórter, Jornal De Fato	Assessoria de Imprensa
Franco	33 ^a M.	Janduís/RN	Sem filhos; solteiro	Nível Médio	Gazeta do Oeste; Jornal De Fato e TCM – TV Cabo Mossoró	Pai: comerciante e cambista; Mãe: dona de casa (sem formação)	10 anos	Atualmente Editor setorial e comentarista em programa de televisão.	Eventualmente alguma assessoria

Entrevistados	Idade Sexo	Local de Origem	Filhos e Est. Civil	Formação	Trajétoria Profissional	Familiares: Escolaridade ocupação	Tempo de trabalho	Cargos ocupados	Ocupações fora do jornalismo
Marcelo	35 ^a M	Mossoró/RN	2 filhos; separado	Comunicação Social/UFRN; Mestrando em Linguís- tica/UFRN	O Mossoroense	Pai: médico, ex- deputado estadual. Mãe: assistente social e advogada, atualmente deputada federal (superior completo)	21 anos	Várias editorias no jornal, Atualmente Editor Geral O Mossoroense	-
Marisa	38 a F.	Recife/PE	Solteira	Comunicação Social/UFRN	Rádio Nacional (Brasília/DF); TV Mossoró; O Mossoroense	Pai: jornalista e professor universitário; Mãe: jornalista (superior completo)	Desde 1988 e desde 2006 no jornalismo impresso	Atualmente Editora Geral, O Mossoroense	Assessoria de imprensa
Maurício	56 ^a M	Jucurutú/RN	3 filhos, casado	Nível médio	Rádios Nordeste e em Natal; Tribuna do Norte; O Mossoroense; Rádio Difusora e 95 FM.	Pai: funcionário público; Mãe: dona de casa e professora. (ensino fundamental)	30 anos	Narrador, apresentadora e comentarista esportivo; Atualmente Editor setorial, O Mossoroense	Já foi assessor de imprensa e trabalha numa agência de notícias local
Teodoro	66 ^a M	Upanema/RN	4 filhos; casado	Direito e Medicina	Sempre como empresário: emissoras de rádio no interior do RN e TCM.	Pai: tabelião; Mãe: dona de casa (ensino médio)	26 anos	Sempre atuou como empresário no setor de comunicação. Colunista da Gazeta do Oeste. Atualmente tem um programa de entrevistas na TCM	Psiquiatra, Professor universitário (UERN)
Geovani	25 ^a M	Mossoró/RN	sem filhos; solteiro	Cursando Comunicação Social/UERN	Gazeta do Oeste.	Pai: serigrafista; Mãe: secretária (ensino médio)	2 anos	Editor setorial, Gazeta do Oeste	-

Entrevistados	Idade Sexo	Local de Origem	Filhos e Est. Civil	Formação	Trajatória Profissional	Familiares: Escolaridade ocupação	Tempo de trabalho	Cargos ocupados	Ocupações fora do jornalismo
Clodoaldo	28 ^a M	Fortaleza/CE	1 filho, casado	Comunicação Social/UFRN	TV Potengi; TV Assembléia; Rádio 96 FM; Diário de Natal/O Poti (em Natal), Correio da Tarde	Pai: engenheiro; Mãe: engenheira agrônoma e professora universitária (superior completo)	8 anos	editorias de polícia, esporte e política; Programa de entrevistas na TCM. Atualmente Editor Geral, Correio da Tarde	Assessor de Comunicação. Diretor de comunicação de uma agência de publicidade em Mossoró
Felipe	33 ^a M	Catolé do Rocha/PB	1 filho casado	Comunicação social/UERN (Cursando)	Gazeta do Oeste; Jornal De Fato	Pai: Moto-taxista; Mãe Dona de casa. (Ensino Fundamental Incompleto)	11 anos	Fotógrafo, editoria de polícia. Atualemnte Editor setorial, Jornal De Fato.	Assessor de comunicação.
Chagas	42 a. M	Pau dos Ferrso/RN	2 filhos, casado	Direito, História, Comunicação Social (UERN) (Cursando)	Rádio Rural; O Mossoroense; Jornal de Mossoró/ Correio da Tarde, TCM	Pai: comerciante, agricultor; Mãe: dona de casa alfabetizados	20	Chefe de jornalismo (rádio); Editor de política (O Mossoroense); Diretor de Redação (Correio da Tarde). Atualmente Diretor de Jornalismo (TCM)	Assessor de comunicação; Pequeno empresário.
Osmar	55 a M	Fernando Pedrosa/RN	1 filho, viúvo	Mestrado em Agronomia	O Mossoroense Correio da Tarde	Pai: feirante; Mãe: don- de casa (Sem formação)	Intermiten- temente 20 anos	Editor executivo (O Mossoroense); Atualmente Empresário/Colunista Correio da Tarde	-

<i>Entrevistados</i>	<i>Idade Sexo</i>	<i>Local de Origem</i>	<i>Filhos e Est. Civil</i>	<i>Formação</i>	<i>Trajatória Profissional</i>	<i>Familiares: Escolaridade ocupação</i>	<i>Tempo de trabalho</i>	<i>Cargos ocupados</i>	<i>Ocupações fora do jornalismo</i>
Bernardo	55 a M	Areia Branca/RN	4 filhos casado	Letras (UERN); Direito (UERN/UFRN); Ciências Sociais (UERN); Jornalismo (UFRN)	O Mossoroense; Diário de Natal (Sucursal de Mossoró); Gazeta do Oeste; TV Cabugi (Afiliada da Rede Globo - Sucursal de Mossoró); Tribuna do Norte; TCM	Pai: operário de salinas; Mãe: Dona-de- casa. (Sem formação)	35 anos	Várias editorias. Atualmente apresentador de programa na TV	Funcionário Público
Pedro	51a	Mossoró	3 filhos, casado	Comunicação Social (UFRN)	A República (Natal), Tribuna do Norte, Diário de Natal. Atualmente Funcionário Público	Pai agricultor (Ensino Fundamental); Mãe: dona de casa. (Ensino médio)	-	Várias editorias, correspondente do Diário de Natal e da Tribuna do Norte em Mossoró. Ex delegado do SindJor em Mossoró	Assessor de Imprensa

A trajetória profissional dos entrevistados se dá através do padrão de ir ocupando os espaços que vão aparecendo na estrutura ocupacional (BONELLI: 1995). Para esta autora, falando da profissão de cientista social:

Acontecem coisas na trajetória de vida dos indivíduos e na estrutura ocupacional que contam na forma como eles redesenham suas opções e carreiras. (...) Não há seqüências obrigatórias a serem ultrapassadas para a profissionalização (...) o padrão mais comum é o da ocupação dos espaços que vão aparecendo. É preciso haver uma brecha na estrutura ocupacional para ser disputada, conquistada, ampliada e consolidada. (BONELLI: 1995, p. 400)

A trajetória profissional dos jornalistas analisados segue esse princípio, as mudanças que ocorreram aparecem como não sendo planejadas. Os espaços foram surgindo, e normalmente através de convites, da rede de relações estabelecidas no campo profissional e fora dele, os espaços foram sendo ocupados.

“Eu fazia pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico do RN, pra um amigo que trabalhava no Diário de Natal, no caderno Cultural, aí surgiu a vaga pra sucursal do jornal daqui de Mossoró, aí ele me indicou e eu vim. Comecei na parte administrativa, mas passei pouco tempo, diante da carência de repórteres eu comecei a mandar as matérias..”.(Francisco)

Durante a década de 1990, havia dois jornais com circulação diária na cidade, nos anos 2000 esse número sobe para quatro, o que implica na abertura de novos espaços na estrutura ocupacional.

Dos 17 entrevistados, 10 fizeram carreira somente em Mossoró, 5 tiveram experiências profissionais fora da cidade, notadamente em Natal/RN. Desses 5, dois casos são de pessoas que saíram para estudar e depois voltaram e um é de alguém que tem ligação familiar em Mossoró. Tal fato mostra que essas pessoas, apesar de virem de fora, têm ligação com a cidade. A ocupação

desses espaços não se apresentou apenas e tão somente como uma opção profissional, as ligações familiares impulsionaram ou facilitaram essa mudança.

Dos 10 que fizeram carreira somente na cidade, 8 passaram pelo Gazeta do Oeste na década de 1990. Dos 5 que possuem cargos de chefia, editores que são responsáveis diretos por cada edição do jornal, 3 fizeram carreira apenas em Mossoró.

A maioria daqueles que possui cargos de chefia nos jornais locais tem formação superior na área ou está em processo de formação. Esse contato maior da imprensa local com o ensino superior em jornalismo é recente.

A visão que eles têm desse contato também difere. Para os jornalistas do Jornal De Fato há um componente ético forte envolvido na formação superior em jornalismo. Esse tipo de treinamento vocacional daria aos indivíduos a capacidade de fazer julgamentos éticos no exercício da profissão.

“eu acredito na verdade que melhora ainda mais a imprensa esses cursos, a formação. Eu acredito, você fica com outra visão do que é o jornalismo. (...) Visão no sentido de dizer assim... ser ético, que é o que falta muito. Eu acredito, acho que é uma das maiores batalhas que a gente tem no jornalismo é a questão de ética, o comprometimento com aquilo que ele faz e a universidade ela traz isso. E mostra né, (...) “assim isso aqui tá correto, se colocar assim isso não tá”, você tem esse comprometimento de respeito.”(Fabrícia)

Para Fabio, do Jornal De Fato, haveria uma preocupação em iniciar um novo tipo de jornalismo em Mossoró, um jornalismo que segundo ele já é praticado em todo o mundo, mas só agora chega na cidade, um jornalismo mais profissional e responsável.

Para tanto, segundo ele, na contratação para o jornal, um dos critérios é o curso superior que daria o embasamento ético necessário para o exercício da profissão, essa seria a principal contribuição da universidade. A técnica se aprende na prática. Uma das mudanças, para ele, é que

agora os jornalistas que trabalham nesse jornal estariam ouvindo os lados envolvidos na história antes da dar a notícia, o que não seria comum na imprensa mossoroense há 10, 15 anos atrás.

O jornal é apresentado como o modernizador técnico e ético do jornalismo mossoroense. É interessante que essa mudança é legitimada não pela iniciativa própria, criações próprias (como talvez seja O Mossoroense, ou a avaliação que se faz desse jornal no passado, como uma vanguarda), mas sim pelos contatos com uma realidade exterior mais moderna, como os intercâmbios com jornais maiores e jornalistas da chamada grande imprensa.

Seria até mesmo significativo o fato de o Manual Da Folha de São Paulo ser tomado como um exemplo. Teria ocorrido uma importação do que haveria de mais moderno para melhorar o jornalismo mossoroense, e um dos elementos dessa modernidade importada seria a exigência de uma formação escolar diferenciada.

Até mesmo a relação com a política é encarada de uma forma diferente dos outros entrevistados, como uma relação comercial para fortalecer a empresa jornalística.

“As pessoas precisam entender o seguinte, uma coisa é você usar, uma coisa é o dono do jornal usar [a política] pra ser político e outra coisa é você usar a política pra transformar seu jornal num veículo forte. Joga o jogo. Não é segredo pra ninguém que [um dos] maiores anunciantes no Brasil é o poder público. É no jornal De Fato como é na Gazeta, no Mossoroense, como é no Globo, no Correio Braziliense, em São Paulo, são os maiores anunciantes, são o governo e eles querem uma contrapartida e a gente segura até enquanto pode.”(Fernando)

Percebemos aqui que a política profissional não se separa da política convencional, há um complemento, o sucesso profissional está associado ao relacionamento com as lideranças políticas locais, são elas que possibilitam ganhos materiais e mesmo de status. Os jornalistas locais usam suas redes de relações com os líderes políticos para ganharem prestígio, o prestígio profissional parece diretamente ligado ao prestígio junto aos líderes políticos da cidade.

Entrevistados de outros jornais têm uma posição diferente em relação à formação superior em jornalismo como sendo um diferencial ético que traz conseqüências políticas.

“ética é uma coisa que você traz (...) pelo curso você passa e aprende isso e você entende como é que isso se aplica. Mas pelo fato de ter tido uma cadeira toda sobre ética não quer dizer que você vá ter a postura ética, porque isso não é coisa que se aprende. É sua postura profissional, que está diretamente ligada a sua personalidade, ao seu caráter a uma série de coisas que independe de curso não é?” (Chagas)

A formação superior não traria um diferencial ético, para esses entrevistados a principal contribuição seria técnica. Mas há algo em comum entre eles, a opinião de que a tendência é uma mudança no perfil educacional dos jornalistas locais, sobretudo com a criação do curso de Comunicação Social na UERN.

Esse curso foi criado em 2003 e conta com as habilitações em Jornalismo, Publicidade e Radialismo. Antes da criação ocorreu uma movimentação durante os anos 1990, por parte de alguns jornalistas e um ex-integrante do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Norte (SindJorn), com a intenção da criação do curso e também de um sindicato local.

A preocupação era com a formação e a exigência do diploma para exercer a profissão, já que na cidade não havia jornalistas diplomados na área e uma possível decisão judicial favorável à obrigatoriedade do diploma traria problemas para os jornalistas locais. A idéia de criação de um sindicato local, que atendesse as necessidades de Mossoró e da região oeste do estado vinha da constatação da não participação do SindJorn nas questões locais, esse sindicato aparece como sendo fraco e apenas ligado aos jornalistas da capital, Natal.

“O sindicato no Rio Grande do Norte, isso você pode perguntar a mim como a qualquer pessoa lá em Natal, ele é inoperante, é tão inoperante que agora no ano passado, um grupo de jornalistas de Natal entrou na justiça pra destituir o presidente do sindicato, de tão inoperante que ele é, aqui em Mossoró ele não existe, em Natal ele ainda arranha assim uma vez e outra, aqui em Mossoró ele

não existe, ele não comparece com nada. Por diversas vezes, jornalistas aqui de Mossoró, estiveram em situações horríveis, digamos assim, injustiçados, perseguidos, demitidos, passaram por situações graves, eu não quero nem me colocar como exemplo, mas já teve situações aqui, do jornalista apanhar da polícia e não ter nenhum apoio, nem do jornal onde trabalha, e o sindicato nem sequer apareceu, ele não existe...”(Felipe)

Segundo Pedro, ex-delegado do sindicato em Mossoró, duas questões corriam em paralelo como reivindicações: a criação de um curso de comunicação, não necessariamente universitário, que pudesse conceder a credencial necessária para o exercício profissional para aqueles que já estavam trabalhando com o registro provisionado⁵⁰; e a criação de um sindicato local. Porém, essas duas reivindicações acabaram não sendo atendidas, o curso de Comunicação Social da UERN foi criado, mas o curso para jornalistas que já atuavam no mercado não surgiu e a criação de um sindicato local não foi adiante, segundo ele, os profissionais deixaram de lado essa questão por pressão dos patrões.

“Por pressão dos patrões os profissionais se afastaram do sindicato. Porque a criação do sindicato ia significar que ia ter uma categoria organizada, lutando por salários, lutando por condições de trabalho, não apenas pela formação. O sindicato iria também representar isso, uma categoria organizada dentro dos jornais. Houve pressão para que eles desistissem, simplesmente sumiram das reuniões.” (Pedro, ex-delegado do SindJorn na cidade)

Essa é a agenda típica da profissionalização, criação de sindicato, cursos de formação para emitir credenciais exclusivas, exigência de ética na profissão como resultado desse processo. Isso entra em choque com os interesses dos empresários do setor da cidade que são também lideranças políticas locais.

⁵⁰ O Registro Provisionado era concedido aos jornalistas que não tinham curso superior mas que pudessem comprovar que trabalhavam na área, tinha duração de dois anos podendo ser renovado.

O curso de Comunicação Social acabou sendo criado em 2003 na UERN quando esta tinha como reitor Walter Fonseca, nesse mesmo período ele também já era proprietário do Jornal de Mossoró, hoje Correio da Tarde. Segundo ele, fez parte de uma política de expansão e diversificação dos cursos oferecidos pela universidade.

“eu sou um defensor intransigente da criação de escolas, “ah mas tem que ter qualidade”, a qualidade vem depois, crie a escola que a qualidade virá, até por exigência e decorrência dos que vão sendo formados. Então eu reitoriei a universidade, preocupado em abrir espaços novos. Porque os mossoroense, os norte-riograndenses do oeste, do interior do estado só tinham de fazer curso na área humanística? Só cursos, em sua maioria, só cursos de licenciatura? Só podiam ser professores? Então, entendi que era hora de começar a criar graduações que pudessem formar também os bacharéis, pra agirem em suas respectivas áreas. E aí fizemos toda uma discussão na abertura de novos cursos, daí surgiu a computação, daí surgiu turismo, daí surgiu jornalismo, comunicação, um pouco mais abrangente. Daí surgiu medicina, odontologia, filosofia, filosofia não somente como licenciatura, mas também como bacharelado. E aí numa conversa com Cid Augusto, que dirigia o Mossoroense a época, ele fez uma ponte com o jornalista e professor de jornalismo Rogério Cadengue, de saudosa memória, que era o chefe de departamento do curso de jornalismo da federal (UFRN). E numa conversa com ele eu fiquei muito motivado, Rogério que tinha sido jornalista em Mossoró, tinha sido editor da Gazeta do Oeste logo no começo, e aí fiquei inoculado daquele vírus que Rogério Cadengue ali deixara comigo, me deixara, e findei criando o curso.”

Ainda segundo ele houve certa pressão de alguns jornalistas locais para entrar no curso sem passar pelo vestibular, havia uma necessidade de ter o diploma, sobretudo pela perspectiva da obrigatoriedade ser aprovada pelo STF.

Lerisson: Houve alguma pesquisa, alguma coisa em relação a mercado?

Walter: Não, não houve, porque veja bem, uma pesquisa científica não, tivemos pesquisas expeditas, aquelas que... isso que aí, é tanto que o pessoal do meio jornalístico...

Lerisson: Havia alguma pressão?

Havia, havia pressão, inclusive logo que foi criado havia uma pressão pra gente fazer o ingresso dessas pessoas sem concurso vestibular, havia uma preocupação, havia um desejo dessas pessoas fazerem a sua graduação. Muitos com interesse em crescer e outros apenas pra vencer uma exigência que na época a DRT tava fazendo na questão da habilitação profissional. Mas enfim, isso existe em todas as profissões, mas também sentíamos nas conversas que tínhamos com o meio empresarial, sentando com empresários e alguns conselhos que fazemos parte, nós sentíamos que havia um certo desejo de que o interior do estado também pudesse ter o seu curso de jornalismo, isso ficava muito patente nas discussões, as entrevistas.

Segundo a ata de criação do curso, este era um compromisso de campanha do reitor e havia mercado para os futuros profissionais formados.

Ata da reunião ordinária do conselho de ensino, pesquisa e extensão, realizada no dia 02 de outubro de 2002.

Na seqüência colocou em apreciação o sétimo ponto de pauta: criação do curso de graduação em Comunicação Social. Disse que esse curso é um compromisso de campanha do Reitor, porque entende que o interior do Estado do Rio Grande do Norte, pelo que comporta hoje em radiodifusão e jornais, merece um curso dessa área, principalmente num mundo como o atual, que vive do marketing e da propaganda; que temos algumas pessoas que trabalham com publicidade mas são pessoas que, como a maior parte dos jornalistas começaram a fazer jornalismo por intuição, não por formação; crê que esse é o momento de oferecer oportunidade para isso; que a proposta é a criação de um curso de Comunicação Social que também será ofertado a partir de agosto de dois mil e três, com a oferta de 45 vagas divididas pra as três áreas: jornalismo, radiodifusão e propaganda e marketing; que propaganda e marketing tem um mercado garantido, pronto e acabado, esperando e com atraso por esses profissionais; que jornalismo e radiodifusão tem um espaço imenso operado por pessoas capacitadas mas não habilitadas, daí a proposta de criação do curso em questão (...) que a chegada da TV a cabo é oportuna porque uma coisa puxa a outra e a Lei de Diretrizes e Bases diz que para que seja possível a educação à distância, mesmo onde inexistente no plano de radiodifusão há prioridade para isso e dessa forma com o curso terá condições de se buscar junto ao Ministério das Comunicações autorização para

instalação de uma rádio AM com capacidade para cobertura do Estado na questão da educação à distância, que também servirá de laboratório; que serão feitos convênios com jornais, emissoras de rádio, etc.; que a UERN tem uma rádio montada, que não funciona, mas poderá vir a funcionar por questões didáticas; que quanto a TV a cabo há a obrigatoriedade de que ela coloque dois canais educativos e um deles está disponibilizado para a educação superior onde houver Universidade; que já houve contato com o proprietário, Dr. Milton Marques, nesse sentido. O Presidente colocou em votação a proposta que foi aprovada por unanimidade.

Apesar da ata ter sido aprovada por unanimidade no Conselho universitário, fora dele as opiniões sobre a criação do curso de Comunicação Social não foram tão unânimes. Para Pedro, não foi feita nenhuma avaliação do mercado antes da criação do curso e o projeto não teria tido a participação de jornalistas.

“Essa minha luta não foi levada em consideração e o curso foi criado... não participei da discussão, acho até que nenhum jornalista participou da discussão. O projeto do curso não foi feito por jornalista, foi feito por professores da UERN, eles mesmos não tinham formação nessa área, eu acredito que não teve (alguma pesquisa sobre a viabilidade do curso) porque foi criado um curso com três habilitações sem a UERN ter condições de ter nenhuma. Era pra ter criado pelo menos uma só habilitação, que seria jornalismo, pra criar depois condições pra depois tentar abrir outras habilitações. Mas foram criadas três habilitações sem ter nenhum laboratório, sem ter nem sala de aula. (...) era pra ter criado um curso com condições, um curso que já tivesse salas de aula, não simplesmente criar um curso ‘de carreira’ pra mostrar que existia o curso, pra mostrar que a universidade tinha um curso de comunicação. Não é assim que se cria curso, tem que primeiro se pensar num projeto pedagógico, tem que primeiro pensar na estrutura do curso, no corpo docente, coisa que não foi, nenhuma dessas três, desses três critérios foram pensados antes, simplesmente criaram o curso.”
(Pedro)

O curso de Comunicação acaba sendo criado não a partir de uma pressão organizada de um grupo profissional e sim pela política de expansão da universidade implementada pelo então reitor Walter Fonseca. Como mostra a ata de criação do curso, este era um compromisso de campanha do reitor, não fica claro se de campanha para reitor ou para vice-prefeito de Mossoró já que o curso foi criado em 2003 e as eleições foram em 2004 nas quais ele foi candidato à vice-prefeito.

Em todo caso, percebemos que há uma vinculação entre a política da profissão, de criação de um curso que possibilitaria a regularização da situação dos futuros jornalistas locais em caso de exigência do diploma para exercer a profissão, com a política convencional, no sentido de reverter a criação desse curso em apoio nas eleições municipais.

A primeira turma desse curso formou-se no fim de 2007, ainda não podemos calcular o impacto dele sobre a estrutura ocupacional da profissão na cidade. O número de jornalistas formados, mesmo com diplomas de outras cidades, ainda é baixo. Mas segundo os editores entrevistados, há uma necessidade de profissionais e o curso é a aposta de que ela será sanada.

Essa carência de profissionais formados na área é, por um lado, classificada como uma necessidade ética e por outro, como técnica. Para os editores entrevistados a contratação de pessoas com diploma será uma tendência do jornalismo local. Essas pessoas teriam uma capacidade de adaptação mais rápida à estrutura organizacional de um jornal, o que normalmente não ocorre com alguém que tem outra formação ou nenhum contato com a prática da profissão.

Assim, isso mudaria a forma de treinamento vocacional que imperava no jornalismo local. A formação classificada por Freidson (1996 e 2001) como *ofício*, estaria desaparecendo e sendo substituída pelo tipo de treinamento vocacional profissional, que estaria mais adequado às exigências do mercado. Não haveria mais condições de tempo e espaço, para colocar em prática o método vocacional do ofício.

As exigências de um jornalismo veloz e visto cada vez mais de forma empresarial, impossibilitariam uma formação longa e continuada exercida dentro do mercado de trabalho. Seria necessário um profissional minimamente familiarizado com a prática jornalística, e a universidade seria uma instância que poderia prestar esse serviço.

Um grupo de jornalistas, todos os entrevistados no Jornal De Fato, que diz fazer um jornalismo mais profissional, mais ético, considera a universidade como uma instituição civilizadora e legitimadora de uma política profissional, que se objetivaria num jornalismo mais independente das relações com as lideranças políticas locais. Opinião compartilhada pelo dono do Correio da Tarde, Walter Fonseca que criou o curso de Comunicação na UERN durante sua administração.

Para outro grupo, entrevistados nos demais jornais, Gazeta do Oeste, O Mossoroense e Correio da Tarde - que criticam o jornal De Fato por tentar esconder suas ligações políticas locais – tal formação é apenas facilitadora técnica, no sentido de que não há mais tempo para uma formação lenta e continuada dentro do mercado de trabalho devido à concepção empresarial de se fazer jornalismo que estaria imperando na cidade.

Ora a formação superior é encarada como algo voltado para facilitar as relações no mercado de trabalho, ora é vista como diferencial em lutas políticas travadas pela profissão. Para ambos os segmentos, o jornalismo tem uma dimensão normativa, uma função pública, política: informar bem, com ética, autonomia e credibilidade.

Por um lado, haveria uma educação mais específica para o mercado e não para a ética profissional, essa ética seria derivada de condições individuais e não de um tipo específico de treinamento vocacional. Por outro, a ética é algo que vêm de um processo educacional diferenciado.

Ser jornalista profissional é passar por um processo de educação diferenciado, mas a concepção de que esse processo se reflete numa condição política mais democrática, num

jornalismo mais ético, é colocada em questão, depende da posição das pessoas no jogo político local.

Um das principais preocupações dos jornalistas entrevistados é a necessidade de independência, autonomia. A profissão é vista como uma atividade submetida às necessidades econômicas e políticas, isso afetaria a autonomia dos profissionais, seus princípios éticos, o que diminuiria sua capacidade normativa.

Os entraves apontados para um jornalismo mais profissional, mais autônomo, têm ligação com a questão ética. O principal fator apontado por eles é a ligação direta com as elites políticas locais, a dependência econômica dos jornais dos órgãos públicos e das elites políticas que os controlam ou que pretendem controlá-los.

Essa dependência vem da impossibilidade dos jornais se sustentarem economicamente através de assinaturas, dependendo assim da publicidade, na sua maior parte pública, para se manterem, esse discurso é comum em todos os jornais. Para um empresário do setor de comunicações, que atua na imprensa local desde o início dos anos 1980, os empresários de outros setores ainda não vêem a imprensa como um investimento e sim como uma prestação de favores.

“As pessoas, os empresários muitas vezes participam achando que estão ajudando um amigo porque é dono. As vezes eu me surpreendo, quando eu vou vender mídia e alguém diz assim ‘eu vou fazer porque sou seu amigo’, ‘olhe eu vou fazer porque eu sou amigo lá do (...), então eu vou comprar minha página, um quarto de página’. Não, não é nada disso, nós não estamos vendendo amizade ou compadrio, nós estamos vendendo produtos. Nós somos um produto que vende produto, então nós precisamos assim ser encarados, então o maior desafio dos órgãos de comunicação é ser independente, digamos assim não só do ponto de vista da sua linha editorial, mas também sobretudo da questão financeira porque o maior comprador de mídia é o governo em todas as suas esferas, então ele também se acha como que dono de todas essas mídias” (Osmar)

Há uma grande dificuldade em se separar a prática profissional do jornalismo do poder local. A forma que os empresários e políticos se relacionam com a imprensa local, como mostrada acima, é significativa do fato de que eles não separam uma coisa da outra. A imprensa escrita mossoroense ainda não é vista pelos empresários e políticos locais como um investimento financeiro, mas sim político, um meio de estabelecer ligações importantes no jogo político local. Por isso os jornais são sempre vistos como aliados ou não dos líderes políticos da cidade e não como empresas jornalísticas como demonstra o editor abaixo.

“Eu acho que também vem de fora pra dentro, é aquela percepção da própria classe política do material. Se um jornal bate é por que é contra ele, se o jornal faz uma matéria contra, então passa a ser considerado como inimigo. Ele corta assinatura, ele corta publicidade. Tem uma questão muito de fora pra dentro. Aqui em Mossoró é assim, se você fizer uma matéria contra, aí o cara manda tirar publicidade se tiver, manda cortar assinatura, não quer mais receber e passa a considerar o jornalista e o jornal como inimigo.” (Chagas).

Os problemas econômicos enfrentados pelos jornais tornam os salários dos jornalistas baixos e não possibilitam uma boa estrutura para o desenvolvimento de suas atividades. Eles seriam obrigados a ter bicos pra ganhar melhor, o que poderia prejudicar sua conduta ética.

“Pra se manter você tem outra atividade além do jornalismo?”

“Sim, o salário do jornalista do Rio Grande do Norte é o pior salário do país. O nosso salário é pouco mais, mais ou menos R\$ 700,00. é o pior salário dessa categoria no país. (...) Nós estamos num quadro aqui, onde o empresário por não ter esse faturamento de venda pra sustentar o jornal, ele vive de comercial, (...) de certa maneira ele não tem o suficiente pra cobrir um salário alto pro jornalista. O jornalista em sua maioria, isso eu também tô incluído no pacote, nós prestamos uma espécie de assessoria, por fora, pra empresas. Claro que a gente procura não juntar, por exemplo... eu presto assessoria pra determinada empresa, então que seja essa empresa fora da minha área de trabalho, eu não posso me envolver com

ela, como um outro jornalista aí que presta assessoria a um político, ele não pode trabalhar na área política, ele vai trabalhar na área de cobertura de Gerais(...) Claro, usa a consciência né, nossa consciência ética, e o editor também acompanha isso aí, a gente informa ele, 'olha tô pegando essa assessoria, gostaria de saber se isso não vai pegar na questão do jornal, ou se você não tem algum trabalho pro jornal que vai entrar nisso aí? Porque se vai entrar já fico fora e tal'.. e assim a gente vai vivendo. Eu, particularmente, hoje faço alguns trabalhos por fora, (...) mas nada que envolva o jornal, tenho o maior medo, porque sem isso eu perco completamente a credibilidade como jornalista" (Felipe)

É uma forma de reinterpretar a noção de autonomia, já que ela não pode ser sustentada economicamente, há uma redefinição. Pode-se “servir a dois senhores”, mas desde que a credibilidade do jornal não seja afetada. Dos 17 entrevistados, 11 desenvolvem alguma outra atividade remunerada fora a do jornal, notadamente assessorias de imprensa. Dos 11, seis trabalham com essa atividade. Para eles é um “mal necessário”, mas para manter a conduta ética, segundo os mesmos, a assessoria não deveria ser relacionada ao mesmo tipo de assunto com o qual o jornalista trabalha no jornal. Mesmo com esse paliativo que eles dizem usar, essa situação influencia no seu comportamento no jornal.

“Eu, por exemplo, sou assessor⁵¹ (...) e sou editor aqui, é evidente que eu trato as questões, aliás, eu procuro nem me meter na pauta (do assunto que tem relação com sua área de assessoria) mas quando tiver um pau grande (em relação ao lugar que ele assessoria) eu vou procurar pelo menos justificar, não vou parar a matéria mas vou procurar trazer o lado (do lugar que assessoria) como é que entra a resposta (...) entendeu? Acaba complicando, tá certo? Aí tenta-se manter um equilíbrio mas acaba complicando.” (Chagas)

⁵¹ Assessor de órgão público estadual.

Uma outra característica que teria mudado na imprensa local seria a forma como os jornalistas encaram o jornal, o seu ambiente de trabalho. Até meados dos anos 1990 o jornal era visto como uma segunda casa, já que os jornalistas passariam mais tempo nos jornais e as edições eram fechadas mais tarde.

Atualmente, com o jornal sendo visto de forma mais empresarial e com a necessidade de ter outros empregos para complementar a renda, essa prática teria mudado. Os jornalistas passariam menos tempo nos jornais e se relacionariam de forma mais *profissional*, o que significa mais impessoal, menos familiar. No entanto, como vimos mostrando, o jornalismo local ainda não é tão empresarial e as relações não são tão impessoais, a mudança ainda está em processo, o que fortalece nossa intenção de mostrar que o discurso sobre o profissionalismo é muito mais forte do que sua prática, no sentido de uma prática autônoma, um grupo profissional com fronteiras bem definidas.

“Em relações de trabalho eu não diria que houve tanto avanço, (...) antes era melhor, que tinha mais contato humano, (...) a parte da questão administrativa houve um avanço, [a] administração não permite que haja um tratamento digamos, de coronelismo, por parte do superior com o subordinado, não é bem assim. E hoje infelizmente ainda existe por aqui, essa questão do assédio moral ainda é muito forte nos órgãos de comunicação. Eu mesmo fui vítima do assédio moral, sai de um (jornal) por causa disso... (...) A questão do assédio moral, da falta de conhecimento também dos superiores com a lei jurídica, do funcionamento administrativo da própria empresa.” (Francisco).

A idéia é de que as relações estão mais impessoais, o que seria resultado na nova forma de gestão da empresa jornalística. As relações menos pessoais e mais profissionais permitiriam um controle diferente sobre os jornalistas. Uma lógica mais “coronelistas” das relações de trabalho estaria sendo substituída por uma mais formal. Não é a figura do dono do jornal que se impõe e sim as condições do mercado, ou as condições profissionais, que são colocadas como parâmetros de controle.

Mais uma vez constatamos que passa a ocorrer uma diferença na forma como surge o discurso sobre o profissionalismo. Haveria um controle mais profissional, no entanto o mesmo jornalista chama atenção para o fato de que essa forma de controle profissional não é ainda tão arraigada. Desapareceu a figura do “coronel” da imprensa local, mas não necessariamente as práticas de controle sobre o trabalho dos jornalistas locais. Há uma combinação de práticas profissionais com práticas convencionais de controle político.

Para um jornalista local, os jornalistas “antigos” eram pessoas de baixa renda em sua maioria, que não podiam sair da cidade pra fazer um curso superior em jornalismo e assim aprendiam na prática, e se dedicavam até mais do que os jornalistas de hoje. Os “antigos” passavam mais tempo na redação, se envolviam de uma forma mais familiar com o jornal.

Hoje, segundo ele, com aqueles que fizeram ou fazem universidade e com a diversidade maior do mercado, os jornalistas exigem trabalhar às cinco horas previstas em lei, isso aconteceria, segundo ele, pois muitas vezes o jornalista possui outro emprego.

A relação com a empresa passou a ser mais profissional e menos “familiar”. O jornalista vende seu serviço e vai embora, haveria uma impessoalidade maior. Segundo ele, essa relação “mais profissional” entre empresas e jornalistas foi a mais importante e melhor. Para Willian Robson, em depoimento no livro *Gazeta do Oeste – 30 anos sem meias palavras, nem mais verdades*

A equipe da GAZETA daquele período (década de 1990) era muito apaixonada. Hoje, não. A coisa é mais profissional, não há mais aquilo de amor pela coisa, é uma relação empresa x trabalhador. Antes, existia o romantismo da profissão: as pessoas faziam porque gostavam. Muitos nem se preocupavam com o salário. Tanto é, que a GAZETA passou momentos de crise e meses com salários atrasados e as pessoas trabalhavam com o mesmo empenho que se estivesse trabalhando em dia. O bom é o de agora: profissionalismo. Essa relação empresa x trabalho é melhor porque faz com que a empresa amadureça do ponto de vista técnico e os próprios jornalistas percebam que isso é apenas um trabalho como

qualquer outro. Isso ajuda no sistema operacional da empresa. Por conta do romantismo, se gastava mais, se perdia mais. Para o jornalista, isso era ruim, porque a sua qualidade de vida não era boa. A GAZETA, nesse período, fechava às 2h da madrugada. (GERSON: 2007, p. 105-106)

No entanto, já mostramos que o jornalismo local não é tão profissionalizado como quer o editor do Jornal De Fato acima. A relação não é apenas empresa x trabalho, mas também *empresa x trabalho x política*. Percebemos que ele quer mostrar que o jornalismo mossoroense seria mais profissional e assim menos ligado às paixões, mais técnico, mais impessoal, é o discurso recorrente no Jornal De Fato. Constatamos que as redes de interdependência dos jornalistas locais são mais complexas e não podem ser compreendidas apenas a partir da relação empresa x trabalho.

Essa nova forma de se fazer jornalismo em Mossoró é caracterizada pela organização na produção editorial, na divisão de funções, na criação de especialidades, num maior planejamento. Até meados da década de 1990, quando existiam dois jornais locais, O Mossoroense e Gazeta do Oeste, o jornalismo era praticado com um nível menor de organização do que é atualmente. A prática do jornalismo mossoroense era

“meio rústica, era aquele negócio, ‘tem, publica’, fazia, não tinha aquele negócio de um acompanhamento de um editor não, era o repórter fazia a matéria e colocava, era aleatória, você fazia e não tinha esse negócio não, era simples, aquela coisa solta, doida”. (Felipe)

A reunião de pauta é apontada como uma das principais mudanças. Essas reuniões usadas normalmente para organizar a edição, definir a capa, manchete e enfoque das notícias não era comum, são descritas como decisões mais pessoais, menos coletivas. O que configura uma maior racionalização do trabalho.

“Olhe dificilmente havia pauta, e quando havia pauta era coisa muito pequena, muito restrita, e era o seguinte, geralmente o editor do jornal, ou ele recebia informações de pessoas amigas de fontes do jornal, por telefone, ou recebia release. Ou mesmo, ele se baseava no noticiário do rádio, filtrava os assuntos mais importantes dava a linguagem do jornalismo impresso e fosse o que deus quisesse.” (Bernardo).

Segundo Bernardo as edições são mais planejadas, isso está fazendo com que o jornalismo local seja mais organizado, e também mais impessoal, com um peso maior da estrutura organizacional sobre o que é produzido. Isso faria com que o jornalismo na cidade estivesse mais profissionalizado

Bernardo: “(...) hoje os jornais estão profissionalizados.

Lerisson – O que o senhor chama de profissionalizados?

Bernardo – “Eu chamo como? Reunião de pauta, avaliação de edição, graduados nas editorias, que levam a técnica lá pra dentro do jornal, porque jornalismo em Mossoró, até antes que chegassem os graduados era improvisação.”

Essa improvisação ocorria porque não havia uma separação clara entre as especializações, existia o editor geral, que era uma espécie de *faz tudo* e que coordenava o resto da equipe.

“ainda não havia essa questão profissional, você tinha as editorias no nome mas não tinha os editores. Você tinha dois ou no máximo três repórteres, um especializado e um que fazia polícia, mais dois, pronto, pra cobrir o resto. E você não chamava cidades, não chamava interior, chamava gerais. Por que? Pporque o cabra fazia tudo.” (Bernardo)

Percebemos assim que há uma maior especialização e divisão de funções no jornalismo local. Comparando os jornais atuais, na sua forma, com os jornais feitos antes dos anos 2000 é perceptível que há uma maior organização expressa na diagramação dos jornais – que agora contam com “cadernos” mais bem definidos – o que implicou numa maior diferenciação de funções. Essa

maior diferenciação levou a um processo de produção das notícias mais racionalizado, onde as questões técnicas envolvidas no processo ganharam mais peso.

O que os jornalistas entrevistados mais enfatizaram sobre as mudanças na imprensa de Mossoró foi esse fator organizacional. É tal fator, impulsionado pelas novas exigências do jornalismo local para atender a um novo padrão de jornalismo, que faz com que o treinamento vocacional exigido para exercer a profissão mude.

Outro fator que vai contribuir para essa mudança é a criação do curso de Comunicação na cidade. Independentemente de ter sido criado a partir de uma demanda do mercado ou por questões relacionadas à política universitária, nos próximos anos mais pessoas com diploma de jornalismo vão estar à procura de trabalho nas redações mossoroenses.

7. Conclusão

Ao iniciarmos nosso projeto de pesquisa, que nos trouxe os resultados apresentados acima, nosso objetivo era compreender o que chamamos de processo de transição da imprensa mossoroense. O que tinha levado ao crescimento no número de veículos de comunicação e as mudanças na forma de se fazer jornalismo que estavam ocorrendo na cidade no início dos anos 2000. Constatamos que esse processo tem raízes políticas, e não somente origem em mudanças mercadológicas ligadas a um mercado consumidor. A expansão do jornalismo impresso na cidade tem relação com o rearranjo das forças políticas locais que ocorreu nos anos 1990.

O modelo de análise de profissões proposto por Freidson nos ajudou na compreensão desse processo, pois estabelece um conjunto de características associadas a valores profissionais, a ideologia do profissionalismo. A noção de profissionalismo é a lente através da qual os jornalistas locais mostraram suas formas de relação com a política. Como associar interesses profissionais a imperativos locais, sobretudo políticos, é a questão mais corrente nos discursos encontrados.

No modelo de Freidson o agir profissional ideal está ligado a atuação autônoma no mercado de trabalho a partir do domínio de uma expertise específica, essa é a maneira através da qual os profissionais agiriam sobre o mundo mediante seu trabalho. A busca pelo monopólio sobre uma área de atuação leva necessariamente a um processo de separação entre *experts* e leigos, os primeiros procurando de diversas formas fortalecer suas fronteiras para garantir seu domínio.

O que percebemos em Mossoró/RN é que as fronteiras entre a profissão de jornalista e a política local não são bem estabelecidas. Freidson aponta como ameaças a autonomia do profissionalismo as lógicas de mercado – onde o controle dos trabalhadores é efetuado pela escolha dos consumidores individuais - e a lógica burocrática – onde o controle é efetuado por uma administração do tipo racional-legal - no nosso estudo, a variável política aparece como sendo a que mais contribui para a falta de autonomia do jornalismo local.

Nos discursos dos jornalistas entrevistados, o jornalismo mossoroense surge entre o mercado fraco e a política forte. Isso tem conseqüências na forma através da qual o jornalismo é praticado e interpretado. O método de treinamento vocacional, por exemplo, sempre ocorreu através do sistema de ofício, onde o trabalhador aprende dentro do mercado de trabalho e está mais sujeito às influências locais.

Em contraposição, aqueles formados no método profissional típico, que conseguiram sua credencial mediante a acumulação de um corpo de conhecimentos fora do local de trabalho, tendem a encarar a realidade local de outra forma. É considerado um meio de combater essas influências locais em busca da autonomia profissional, que significa também um comportamento político diante do mundo.

Para compreender esse processo de transição da imprensa em Mossoró/RN é necessário entender como esse discurso profissional é articulado junto as pressões políticas locais sobre ele. Constatamos que o discurso do profissionalismo ai surge com mais destaque no fim dos anos 1990 com a crise do principal jornal da cidade até então, a Gazeta do Oeste, e com a ascensão de novos jornais, principalmente o De Fato. Tal processo está relacionado ao novo formato que toma a política local nos anos 1990.

A história política de Mossoró/RN é marcada pelo domínio de uma única família: os Rosado. Desde a década de 1940 a família é o ator político mais importante da cidade, dominando o executivo municipal. Uma das principais características de suas estratégias políticas é o domínio de instituições culturais como bibliotecas, coleções literárias, universidades, festas cívicas, etc., onde é efetuada a arregimentação de intelectuais que contribuem na construção de um imaginário político que mostra a família como o principal agente do desenvolvimento local.

Para Felipe (2001) todos os projetos de desenvolvimento são associados à imagem da família. Para os autores locais que estudaram o tema há uma apropriação do espaço público pelo

privado, o que ocorre é uma privatização do poder público nas mãos dessa oligarquia. A criação de instituições culturais surge como estratégia de agregação de uma elite intelectual da cidade.

Na história da família a busca pelo moderno, calcada na idéia de desenvolvimento, remonta aos tempos do “patriarca” Jerônimo Rosado. Ele foi considerado um importante cabo eleitoral no início do século XX em Mossoró/RN e sua imagem na bibliografia local sempre está dissociada da imagem tradicional do coronel, ou de serviço a um coronel. É sempre retratado como um profissional liberal, farmacêutico, prestador de serviços à comunidade e que coloca sua família a serviço do município, “*o que eu não fizer um filho meu fará*” é uma frase creditada a Jerônimo Rosado, seus filhos desde a década de 1940 são as principais figuras políticas da cidade.

Os Rosado tiveram como base econômica de sustentação a indústria de exploração da gipsita e do sal e contaram com o apoio das principais famílias de Mossoró/RN no início do século XX. O sucesso empresarial das empresas da família contribuiu para a imagem de “homens de sucesso” que poderiam fazer a mesma coisa na administração pública local.

Mesmo com o surgimento de outros setores econômicos fortes na região nos anos 1980 como as indústrias do petróleo e de fruticultura irrigada, o crescimento do setor comercial e a chegada na cidade de diversos órgãos públicos estaduais e federais, não ocorreu o surgimento de novos atores políticos que conseguissem furar o bloqueio político criado por esta família.

Para Lima (2006) mesmo com a imposição de um novo modelo administrativo às cidades pelo governo federal que pretende democratizar o acesso e o controle dos recursos públicos para os municípios nos anos 1990 – sob pena de diminuição no repasse desses recursos em caso de não cumprimento das exigências – isso não se refletiu numa mudança na estrutura do poder local em Mossoró/RN.

Essas mudanças se chocam com uma “cultura oligárquica” local que faz com que essa tentativa de modernização organizacional da administração pública não se reflita num controle mais

democrático dos recursos. Segundo este autor, há sempre uma modernização da tradição, uma adaptação dessa cultura oligárquica às novas formas de administração dos recursos públicos.

Essa nova forma administrativa está relacionada com aquilo que Costa (1996) chama de ressignificação do poder local. A oligarquia local, que sempre se apresentou com o agente do desenvolvimento, muda o discurso e procura construir a imagem de parceira na busca pelo desenvolvimento, programas como o orçamento participativo ajudam a construir essa imagem.

Nossa tese é de que a imprensa local contribui na criação dessa nova imagem da política praticada pelas lideranças locais, e um dos elementos para tanto é o surgimento do discurso do profissionalismo na imprensa do município.

A história do jornalismo impresso diário em Mossoró é marcado pelo domínio durante as décadas de 1980 e 1990 do jornal Gazeta do Oeste. Seu proprietário, e colunista, Canindé Queiroz chega a ser caracterizado como um “coronel” da imprensa, uma imagem que remonta aos tradicionais coronéis descritos por Leal (1978). Como única força na imprensa do município nesse período e usando o jornal para obter influência política, Canindé Queiroz foi figura política importante tendo uma relação ora conflituosa ora não com os Rosado.

Durante os anos 1990, com a consolidação da ruptura na família em três alas, a liderada pelo casal Laíre e Sandra Rosado, outra liderada por Dix-huit Rosado e a terceira pelo casal Rosalba Ciarlini e Carlos Augusto Rosado, Canindé Queiroz apóia Dix-huit e combate principalmente Rosalba Ciarlini.

Com a morte de Dix-huit Rosado em 1996, as outras duas alas da família polarizam a política municipal e o jornal Gazeta do Oeste se posiciona claramente contra o grupo de Carlos Augusto e Rosalba Ciarlini, então dominando o executivo municipal. Nesse mesmo período o jornal entra em crise financeira e perde vários de seus profissionais, muitos dos quais, inclusive os principais editores de então, vão para o jornal De Fato que surge no ano 2000.

Este jornal aparece com uma nova proposta de fazer jornalismo, seu slogan *Jornal De Fato – Jornalismo de verdade* é sintomático da tentativa de desvincular a imagem do jornalismo praticado ai do então praticado na Gazeta do Oeste e em O Mossoroense, jornais em que a figura dos donos, estava associada à práticas tradicionais da política local. Como afirmado por um dos jornalistas que trabalham nesse jornal entrevistados para esta pesquisa, a idéia era fazer com que o nome do jornal fosse mais importante que uma coluna, numa tentativa de despersonalização da influência jornalística local.

A imagem do coronel da imprensa deveria dar lugar a do empresário de comunicação, ao jornalista profissional, preocupado com a informação, com a responsabilidade com o leitor e que combateria o poder das lideranças políticas locais em nome da boa informação o que caracteriza uma política profissional em contraposição a uma política convencional.

No entanto, esse discurso do profissionalismo está intimamente ligado à política local, à política convencional. O Jornal De Fato mostra-se muito próximo da ala liderada por Rosalba Ciarlini e Carlos Augusto Rosado. Como mostramos, o apoio do jornal a eles foi claro nas últimas eleições para o executivo municipal em 2004, caracterizando uma polarização no jornalismo da cidade com o apoio dado pelo Mossoroense a outra ala, liderada por Laíre e Sandra Rosado.

Os jornalistas locais, apesar de usarem o discurso do profissionalismo, da busca por autonomia, aceitam essa relação com as lideranças políticas da cidade. Nas falas deles fica claro a impossibilidade da separação entre o poder local e a prática profissional, a política da profissão precisa ser mesclada com a política convencional para que os jornalistas tenham sucesso no mercado de trabalho. O discurso do profissionalismo surge como uma tentativa de modernização da imagem das lideranças políticas locais mais do que uma política de fortalecimento de um grupo ocupacional.

8. Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. (2003) Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática. In: ABREU, Alzira Alves de. LATTMAN – WELTMAN, Fernando, KORNIS, Mônica Almeida. **Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro, RJ: FGV. p, 13 – 74.

_____. (2002) **A modernização da imprensa, (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (Coleção Descobrimdo o Brasil).

ARAÚJO, M. F. S. (2002) O enfermeiro no Programa de Saúde da Família. (2002) In: **Teoria e Pesquisa**. Jan-jul, n 40-41. São Carlos, SP: Ufscar, p. 57 – 72.

AUGUSTO, Cid. (2000) O jornal dos Escóssia. In: **Escóssia**. 2 ed. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “c”, v. 989, p. 141 – 192.

AZEVEDO, Fernando Antonio. (2002) Imprensa e Política: a cobertura eleitoral dos jornais paulistas no pleito de 2000. In: **Encontro Nacional da ABCP – Associação Brasileira de Ciência Política**, – UFF – Niterói. Disponível em www.cienciapolitica.org.br/corpo5.html.html Acesso em: 13 mai. 2004, 14:50:15.

BARBOSA, Maria Ligia de O. (1998) Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil? **Tempo Social**. V.10, N. 1, p. 129-142.

BAUMAN, Zygmunt. (2003) **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar.

BONELLI, Maria da Glória. (2006) Pluralização das formas identitárias e profissionalismo na Magistratura Paulista. In: BONELLI, Maria da Glória, et al. **Profissões Jurídicas, identidade e imagem pública**. São Carlos, SP: EdUFSCar, p. 11 – 60.

_____. (2002) - **Profissionalismo e política no mundo do Direito**. São Paulo, Edufscar/Sumaré/Fapesp, pgs. 13-82.

_____. (1999) Estudo sobre profissões no Brasil. In: MICELI, Sergio (org). **O que ler na Ciência Social Brasileira**. São Paulo: ANPOCS. V 2. (Sociologia)

_____. (1995) No mundo das Ciências Sociais. In: MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, p. 397-440.

CASTEL, Robert. (1998) Metamorfoses do trabalho. In. FIORE; LOURENÇO; NORONHA. **Globalização: o fato o mito**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

COELHO, Edmundo Campos. (1999) **As Profissões Imperiais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COSTA, João Bosco Araújo da. (1996) A resignificação do local: o imaginário político brasileiro pós-80. In: **São Paulo em Perspectiva**, 10 (3), p. 113 – 118.

DE LIMA, Venício A .(2001) **Mídia: Teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo.

FELIPE, José Lacerda Alves. (2001) A reinvenção do lugar: os Rosado e o “País de Mossoró”. In: **Os Rosado em Tese**. V 2. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “C”, v. 1230. p. 17 – 46.

FILGUEIRA, Maria Conceição Maciel. (2001) A trama política em torno da UERN: os Rosado – os seus interesses, o seu papel, os efeitos e as repercussões de sua prática no espaço da instituição. In: **Os Rosado em Tese**. V 2. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “C”, v. 1230. p. 83 – 124.

FREIDSON, Eliot. (2001) **Professionalism: the third logic**. Cambridge: Polity Press.

_____. (1996) Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, n 31, ano 11, jun.

GERSON, Mario. (2007) **Gazeta do oeste, 30 anos sem meias palavras, nem meias verdades**. Mossoró, RN: Queima Bucha.

_____. (2006) Deu no jornal. **Gazeta do Oeste**, Mossoró 29 de jan. de 2006, *Expressão*.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli (1992). **A morte dos coronéis: política interiorana e poder local**. São Paulo, Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica (PUC).

LIMA, Francisco Vanderley. (2006) **A polis circense: poder local e espetacularização do político em Mossoró/RN**. João Pessoa/PB. Tese de Doutorado. UFPB.

LARSON, Magali Sarfati. (1977) **The rise of professionalism – a sociological analysis**. Los Angeles/London: University of California Press. p. x- xviii.

LATTMAN – WELTMAN, Fernando. (2003) Mídia e transição democrática: a (des) institucionalização do pan-óptico no Brasil. In: ABREU, Alzira Alves de. LATTMAN – WELTMAN, Fernando, KORNIS, Mônica Almeida. **Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro, RJ: FGV. p. 129 – 183.

LEAL, V. N. (1978) Indicações sobre a estrutura e o processo do “coronelismo”. In: **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo, SP: Alfa-ômega. p. 19 – 57.

LUCAS, Ana Maria Bezerra. (2001) O mandonismo rosadista em Mossoró. In: **Os Rosado em Tese**. V 2. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, série “C”, v. 1230. p. 47 – 82.

MANIN, Bernard. (1995) As metamorfoses do governo representativo. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS.

MELO, José Marques de. (2006) **Teoria do jornalismo – identidades brasileiras**. São Paulo, SP: Paulus.

MENDES, Ricardo Fontes. (1997) **As disputas no campo profissional do jornalismo**. São Carlos/SP, 120 p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos.

MIRANDA, A. P. M. (2002) Os rituais de passagem dos Auditores Fiscais. In: **Teoria e Pesquisa**. Jan-jul 2002, n 40-41. São Carlos, SP: Ufscar. p. 207 – 247.

MORETZSOHN, Silvia. (2001). “Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na contramão da política. In: **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>

NASCIMENTO, L. C. (2006) Jornalismo e eleições nos rincões do Brasil: um estudo sobre a cobertura do jornal O Mossoroense nas eleições municipais de 2004 em Mossoró/RN. In: **IV Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**. Porto Alegre, 2006 (CD-ROOM).

NEVES, Ricardo José. (2000) **Vade mecum da comunicação social**. p. 94 – 144.

OLIVEIRA, F. L. (2002) Ministros do STF: profissionais versus políticos. In: **Teoria e Pesquisa**. Jan-jul 2002, n 40-41. São Carlos, SP: Ufscar. p. 183 – 206.

PETRARCA, Fernanda Rios. (2006) As condições sociais da emergência do jornalismo no Brasil. In: **IV Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**. Porto Alegre, (CD-ROOM)

_____. (2005) O Jornalismo no Brasil: a gênese de uma profissão. Paper apresentado no **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Belo Horizonte, UFMG, 2005.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. (1994) **Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. Ed. Brasiliense/Olho D’água.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (1999) **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.^a ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto (2005). **Expansão Urbana de Mossoró (Período de 1940 a 2004): Geografia dinâmica e reestruturação do território**. Natal, RN: EDUFRN.

ROCHA, Paula Melani. (1997) **A profissionalização num jornal popular: a concepção de notícia e a representação social sobre os leitores no Notícias Populares**. São Carlos/SP, 118 p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos

RODRIGUES, Maria de Lurdes. (2002) **Sociologia das Profissões**. Portugal: Celta (Oeiras).

SILVA, Lemuel Rodrigues da. (2004) **Os Rosado encenam – estratégias e instrumentos de consolidação do mando**. Mossoró/RN: Queima Bucha.

THOMPSON, John B. (1995) **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

WEBER, Max. (2002) Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. In: **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. São Paulo, n 55-56. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452002000100008.

_____. (1980) “Parlamentarismo e governo”. In: **Max Weber**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

9. Anexo

Capas dos jornais analisados

▶ JORNALISMO DE VERDADE www.defato.com

Jornal de Fato

MOSSORÓ (RN), QUARTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 2008 ANO VII - Nº 2.075 R\$ 1,50

Esporte

BECKHAM ANUNCIA ESCOLINHA DE FUTEBOL NO RN

MOSSORÓ 7

Aterro será entregue hoje e vai conter poluição

O aterro sanitário será inaugurado hoje, às 10h, e será um local adequado para o depósito de lixo, evitando contaminação. MOSSORÓ 1

Baraúnas

EDUARDO VAI DESFALCAR O LEÃO NA SEMIFINAL

MOSSORÓ 8

Tour

A Pinacoteca do Estado está com seu acervo ameaçado. PÁGINA 1



O jogador David Beckham, quando se preparava para lançar projeto de escolinha no litoral do RN

Caicó aparece em primeiro com o combustível mais caro do Estado

Levantamento da Agência Nacional de Petróleo mostra que, em Caicó, o preço dos combustíveis é o mais caro do RN. O litro do álcool custa R\$ 1,792, enquanto que em São José do Mipibu, o segundo colocado, sai por R\$ 1,577. O litro da gasolina chega a custar R\$ 2,63. PÁGINA 7

CARNAVAL EM CIDADES DO LITORAL JÁ COMEÇA AMANHÃ

ESTADO 3

MOSSORÓ ESTÁ ENTRE AS 500 MAIS VIOLENTAS DO PAÍS

Estudo divulgado ontem pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA) mostra que Mossoró está entre as 500 mais violentas do país. A cidade está na 478ª posição no ranking com maiores taxas de homicídio, entre 2002 e 2006. MOSSORÓ 5

PÓS-GRADUAÇÃO FACENE

CONHEÇA NOVA ESTRUTURA **ECOMPARE**

Metodologia do Ensino Superior. Início 09/02

De olho no Futuro. (04) 3352.8142



TRE cassa vereadores de Canguaretama por infidelidade

Antônio Freire de Oliveira e Maria do Rosário Soares Silva tiveram seus mandatos cassados por conta da infidelidade partidária. Eles são os primeiros políticos do RN a perderem o mandato por esta razão. "A decisão é inédita, mas de muita firmeza", disse o juiz Fernando Pimentel. ESTADO 3

Wilma diz que Marcelo pode 'caminhar conosco'

A governadora Wilma ainda afirmou que Larissa Rosado é o melhor nome do PSB em Mossoró e mostra sinais de aliança com o PR. PÁGINA 3

NESTA EDIÇÃO

24 PÁGINAS

Multas terão aumento de 60%

O anúncio será feito amanhã. As multas que deverão subir mais são as de velocidade. MOSSORÓ 4

RIBERTO QUEIROZ/OPINÃO		CADERNOS	
WILMA	2	TOTAL	7.44
CÉSAR SANTOS	1.4	MOSSORÓ	7.44
ECOLOGIA	5	ESTADO	1.4
BRASIL/UNIBO	7.4		

REDE MUNICIPAL MATRICULA MAIS DE 12 MIL ALUNOS

MOSSORÓ 3

Fafá descarta crise com Carlos Augusto

Prefeita Fafá descartou declarações afirmando rumores de crise entre ela e Carlos Augusto.

Página 3 (Principal)

PRF inicia "Operação Carnaval" nesta sexta

Polícia Rodoviária Federal inicia a "Operação Carnaval 2008" à meia-noite desta sexta-feira.

Página 8 (Colômbia)



TRE cassa primeiros vereadores infiéis

Dois vereadores de Caraguatatama foram os primeiros a perderem o mandato por infidelidade.

Página 3 (Principal)



O MOSSOROENSE



Mossoró - RN, 30 de janeiro de 2008 - Nº 12.911

QUARTA-FEIRA

R\$ 1,50

POTIGUARES FALSIFICAM 100 MIL VALES-TRANSPORTE NO PIAUÍ

OS POTIGUARES HEY MACKAY ALMES LEAL, 28, CLÁUDIO MENDES, 25, E ROBÉRIO SOARES, 39, FORAM PRESOS NA MANHÃ DE ONTEM, NO PIAUÍ, ACUSADOS DE COMERCIALIZAREM EM TERESINA MAIS DE 100 MIL VALES-TRANSPORTE FALSIFICADOS. AINDA HÁ UM ACUSADO FORAGIDO.

Página 8 (Colômbia)

PMM inaugura Aterro Sanitário sob protestos

Prefeitura inaugura hoje o Aterro Sanitário de 50 anos - sob protestos de moradores do Lote de Capangas.

Página 3 (Colômbia)

MP oferece 50 vagas para estagiários

Ministério Público (MP) começa a receber estagiários nas cidades de Natal, Aracê, Ceará e Mossoró.

Página 2 (Colômbia)

Penúltimo dia para regularizar inscrições ao PSV

Prazo para regularização de inscrições individualizadas ao PSV 2008 do Uerj termina amanhã.

Página 3 (Colômbia)



Agricultores acompanharam o lançamento do Programa Semear, na Feira do Bode

Projeto Semear

PREFEITURA DE MOSSORÓ LANÇOU ONTEM O PROGRAMA SEMEAR. CERCA DE 5.400 AGRICULTORES DE 132 COMUNIDADES E LOCALIDADES RURAIS DEVEM SER ATENDIDOS PELO PROGRAMA.

Página 2 (Colômbia)

"Espuma de Carnaval" será fiscalizada

Instituto de Pesca e Meio-Ambiente (IPMA) inicia hoje a fiscalização do comércio de espuma artificial.

Página 5 (Colômbia)

Classificação do Baraúna pelas mãos de Isaías

En-trevisão, Isaías foi escolhido pelo Anjo que coordenará para a classificação do Baraúna.

Página 7 (Colômbia)



Isaías, goleiro do Assa

GOVERNADORA ASSINA CONTRATOS PARA LIBERAÇÃO DE R\$ 126 MILHÕES DO PAC

Página 2 (Colômbia)

GAZETA do OESTE

Ano 31 — Nº 7.735
Mossoró-RN, quarta-feira,
30 de janeiro de 2008

MOSSORÓ

Aterro sanitário

A prefeita Fafá Rosado inaugura hoje o aterro sanitário de Mossoró. O evento acontece às 10h.

MOSSORÓ, Capé



Betinho Rosado nega crise política com Fafá

Deputado afirma que participou de almoço porque foi convidado pela prefeita na semana passada

O deputado federal Betinho Rosado descartou de forma categórica os rumores de um possível rompimento político com a prefeita Fafá Rosado.

O parlamentar explicou que foi convidado por Fafá na quinta-feira passada para participar do almoço oferecido no sábado em Tibau. Betinho Rosado

lembrou ainda que foi um dos principais incentivadores da postulação de Fafá Rosado à Prefeitura de Mossoró nas eleições de 2004. **Página 2**

DISCURSO

Claudionor faz críticas à omissão do governo ao homem do campo

Página 3

PARQUE ELÉTRICO
Para seu maior CONFORTO
Estacionamento gratuito acesso à loja

3316-6208

E

REPRESENTANTE

COLÉGIO MATER CHRISTI

MATRICULAS ABERTAS

NOVO TELEFONE
3422.0500

www.materchristi.pt3.br

COLÉGIO MATER CHRISTI

Microlins
Formação Profissional

Fones: 3317-6176 / 3316-4518

www.microlins.mossoro.com.br

105 FM
Qualidade musical em 1º lugar

www.105mossoro.com.br



▲ O AUMENTO no preço da Gás Natural Veicular registrou queda nas oficinas de comércio da cidade. **MOSSORÓ, 5**



FUTEBOL

Goleiro Érico no olho do furacão potiguar

O goleiro Érico, que vem falhando nos jogos do Potiguar, está sendo alvo de protestos por parte dos torcedores. **Página 8**



▲ CARNABUCO DO ano passado teve participação expressiva

DECISÃO

Relaxamento de prisão é negada pela Justiça para acusado de crime

O Tribunal de Justiça negou ontem o relaxamento de prisão solicitado pelo motociclista Francisco Gomes de Lima, o 'Nilton', acusado de assassinar o policial militar Raimundo Nonato, no dia 10 de janeiro. **Página 9**

ROUBO

Dupla de assaltantes leva R\$ 4 mil de comércio no Abolição

Uma dupla de assaltantes em uma moto levou R\$ 4 mil de loja Shopping do Franco, localizada na Rua Dr. João Marcolino, no Abolição. A polícia ainda não tem pistas dos dois elementos que praticaram o assalto. **Página 9**

EXPECTATIVA

Clima de otimismo marca organização do Carnabuco deste ano

Os organizadores da edição deste ano do Carnabuco esperam participação expressiva dos foliões este ano. Eles acreditam que pelos menos 750 foliões participem do evento. **MOSSORÓ, 5**

CAMPANHA

Mobilização de Combate à Dengue na cidade chega ao Nova Vida

MOSSORÓ, 6

Correio da Tarde

Publicado por Walter Fonseca em 07 de abril de 2010 - Quinta-feira | Edição número 320 - Rua 11 - Natal e Mossoró, 21 de janeiro de 2010 | R\$ 1,20 | www.correiodatarde.com.br

▶ **VIOLÊNCIA EM NATAL**

PAI ESPANCA DOIS FILHOS ATÉ A MORTE E EM SEGUIDA ATEIA FOGO À PRÓPRIA CASA

Pedreiro Evânio Fernandes assassinou o filho de 2 anos e a filha de 1 ano. Ele foi linchado pela população. Pág. 6

COLUNISTAS



Walter Fonseca

Os políticos do RN e a danga do Creu.

Neto Queiroz

Mensalão: Lula pode ser sancionado a depor no STF

Notas do Correio

Carlos Eduardo pretaiza de Wilma de Faria.

Moisés Albuquerque

Mega-resort vai custar cerca de R\$ 250 milhões.

Alan Oliveira

O outro lado da vida do "ador" Beethoven.

BEBIDAS NAS BRs

PRF inicia fiscalização em estabelecimentos

Lei que proibe venda de bebidas alcoólicas nas BRs entra em vigor na próxima sexta-feira. | Pág. 12



Vem em socorro de dois feridos e participa em outras cinco acções em Mossoró. Assaltado e morto por volta das 18h | Pág. 6

Comerciário é executado na ponte



▶ **Agripino e Micarla**

Acordo prevê compromisso para eleições 2010

Pré-candidata do Partido Verde conversa com presidente do Democratas sobre apoio para as eleições deste ano. Pág. 3



DESPERDÍCIO

Prefeitura vai decorar cidade para Carnaval

Aos dias do impio da Iolá Bencur ainda não tem data da instalação do material que custa R\$ 90 mil. | Pág. 7



Antes de contratar

Novo técnico vai avaliar equipe

Roberto Cavalo quer conhecer elenco do America antes de pensar nas contratações. Pág. 17

Clube de Casa
CASA NORTE
 Vendas, Preços e Economia em Pernambuco!
 3203-3300

CLINICA ANDRÉ
 Dr. André Paschoa
 Dr. Nelson Paschoa
 Fone: (44) 3222-8725

5ª ANIVERSÁRIO
FM
abolicaofm

Pressão da tempo
 Índice que prevê de 2009 para 2010
Indicadores econômicos
 Taxas de juros

CIDADE
 94 FM
 VOLT PÉROLA OLIVEIRA

Hoje no Correio

Itaquil José Machado realiza a 7ª edição de Loucas Férias
 Pág. 9

Instituição do Conselho de Fidei de novo trabalho do 3º-4º, em Natal
 Pág. 11

David Silveira e destaque hoje na primeira edição da Parábola
 Pág. 11